

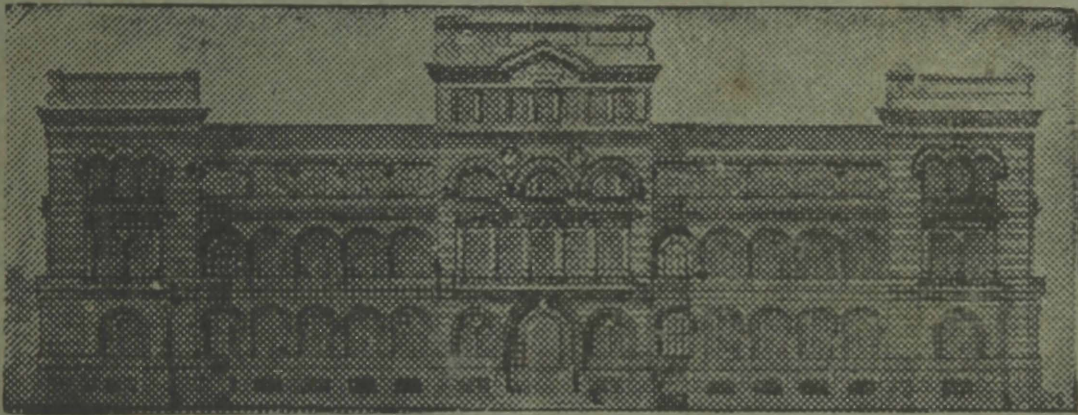
João L. Pinto de Moraes

ANNO V ❖ S. PAULO, ABRIL-MAIO DE 1921 ❖ VOL. III — NUM. 18

REVISTA DE MEDICINA

Orgam do Centro Academico "OSWALDO CRUZ"

DA FACULDADE DE MEDICINA
E CIRURGIA DE SÃO PAULO



COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Felicio Cintra do Prado
Francisco de Assis Leme
Benedicto da Cunha Campos
Jayme Cardoso Americano



SÃO PAULO

SECCÃO DE LITOGRAFIA DO ESTADO DE S. PAULO

1921

SUMMARIO

- Deontologia medica (lição inaugural). DR. OSCAR FREIRE
- Algumas considerações sobre a infecção tuberculosa. DR. A. FONTES
- Tratamento da orchite aguda blenorragica pelas injeções intraepididymarias de electrargol estovainisado. DOUTORANDO W. BARNSLEY PESSÔA
- Sobre um caso de distomatose produzida pelo clonorchis senensis DOUTORANDO CARLOS NAPOLEÃO LATERZA
- Problema Vital F. C. P

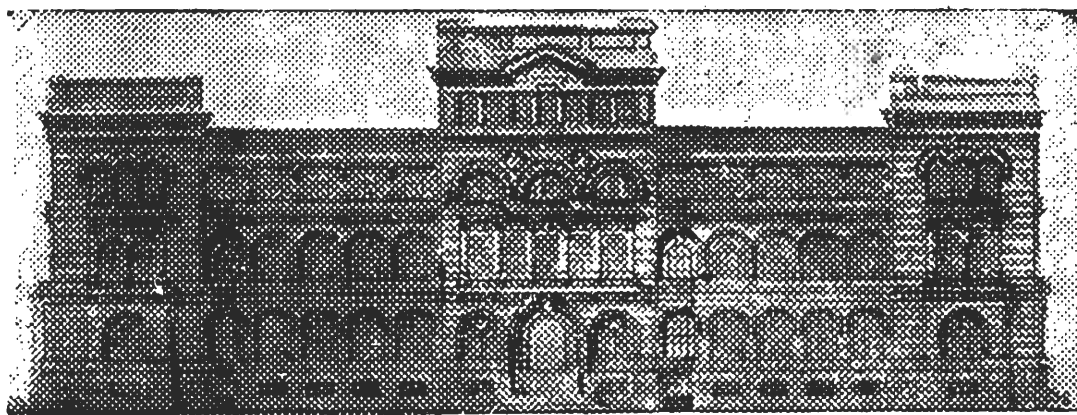
NOTICIARIO

ANNO V ❖ S. PAULO, ABRIL-MAIO DE 1921 ❖ VOL. III — NUM. 18

REVISTA DE MEDICINA

Orgam do Centro Academico "OSWALDO CRUZ"

DA FACULDADE DE MEDICINA
E CIRURGIA DE SÃO PAULO



COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Felicio Cintra do Prado
Francisco de Assis Leme
Benedicto da Cunha Campos
Jayme Cardoso Americano



SÃO PAULO

SECÇÃO DE OBRAS DO ESTADO DE S. PAULO

1921

DEONTOLOGIA MEDICA

LIÇÃO INAUGURAL

PELO

DR. OSCAR FREIRE

Não sei como enaltecer convenientemente, meus jovens amigos do Centro Academico "Oswaldo Cruz", a bonissima intenção que tivestes em associar a commemoração do anniversario da nossa Faculdade á aula inaugural do curso de Deontologia Medica. Bem merecia a bella tentativa, que o curso representa, a sagração desse lindo gesto vosso.

Mas, quiz o destino que, como em todas as coisas humanas, houvesse um senão. Esquecestes que eu estava de permeio.

E, mercê de tal esquecimento, que a generosidade justifica, vós, srs. convidados, porque respeitastes mais ás leis da cortezia do que as instancias da commodidade, tereis de supportar, por tempo que o fastio vae tornar mais longo e cruel, a monotonia de uma lição desvaliosa, que vos não ha de aproveitar, nem ao menos recreiar, tão acanhado é o cabedal de quem a professa e tão exigente é a necessidade, quanto decidida é a tenção, de nella apenas repetir coisas de vosso velho conhecimento, — de enfeixar juizos alheios, embora assazonados de raros commentarios proprios, que nunca ambicionarão o sabor da novidade, senão o da opportunidade e da justiça. Perdoae-me.

Não andou mal, entretanto, meus amigos, o acaso com o ele-

ger-me para o momento. De tantos mestres da nossa Faculdade, que a intelligencia exalça e o saber eleva na admiração dos coetaneos, nenhum teria credenciaes para disputar-me a honraria do mandato, porque nenhum me egualaria na exactidão e na conveniencia do desempenho.

Têm os humildes tambem a sua hora e a sua utilidade.

Celebraes, num consorcio feliz, a grandeza de um passado, que por proximo não desmerece em glorias, e o assentar do primeiro marco de um formoso tentamen, qual o de concorrer para o aperfeiçoamento moral da nossa profissão. O encanto da sabedoria e da eloquencia, empolgando vossa admiração, monopolizando-a, deixaria talvez o motivo desta expressiva festa intellectual afogado no caudal de luz que delle promanasse.

Ao contrario, em mim tendes a mediocridade que ao momento se ajusta, a planura arida e mesquinha, que não empece, nem offusca, o brilho alheio, — a chan desolada e esteril, junto de cuja humildade mais resaltarão o traço dominador da montanha alterosa, mais imponente será o fastigio da serra que desata para os céus os braços gigantesocos das suas cumiadas longinquas.

Uma só parcella de luz não se perderá commigo. O que aqui brilhar é vosso, meus amigos; é vosso o que aqui fulgir, resplandecer. Serei a sombra discreta e fugidia, a contrastar os esplendores que a esta hora de evocação vae acordar em vossa retentiva, — que esta hora de esperança infinita vae accender em vosso coração e em vosso espirito. Vereis, então, o prodigio. A' medida que o murmuro timido dê minha palavra fôr resuscitando os fastos do passado e, com elles, procurando desvendar, em visão prophetica, o futuro, — de vossas almas espontaneamente brotará, irreprimivel, a desprender-se em cachões imperiosos, como um clamor de fé e de gloria, como se bradasse do intimo do vosso proprio ser a voz da nossa raça, inundando a pujança da vossa mocidade, o cantico triumphal de vossa esperança nos destinos de nossa terra! E o merito que me arrogo é justamente o de minha fraqueza, que não desviará do seu devido caminho as vibrações dos vossos sentimentos; fluirão indomitos como uma verdadeira torrente, que, ambiciosa de espaço, se atirasse das grimpas asperas para a conquista da planicie bonançosa, onde sorri a graça perenne da verdura, a paz serena dos campos floridos, onde lourejam os fructos opimos, as promissoras messes.

Eis porque vim ao vosso appello, corra embora o meu credito os riscos que ordenastes, que com todos os que houver me aventure na esperança de corresponder ao vosso desejo. Ademais, terei a alegria de discretar mais uns instantes comvosco, no convivio cordial em que toda a minha vida se passa e, já agora, ha de findar.

EVOLUÇÃO DO ENSINO MEDICO BRASILEIRO

Muito se tem falado e escripto da nossa Faculdade. Mas, no analysar seus meritos e defeitos, bem raro se procurou entendê-los e explica-los, considerando a sua conformidade com a evolução do ensino medico no paiz e com as condições peculiares ao meio em que ella nasceu e existe.

Não ha motivos para terrores, meus amigos. Não terei o mau gosto de me aproveitar da oportunidade para as miudezas de analyse tão util, mas tão fastidiosa, sobejando com desurbanidade a vossa caridosa paciencia. Quero sómente interessar-vos nella.

Ao intentardes estudar a evolução do ensino medico brasileiro, logo esbarrareis, perplexos e estonteados, com a mole esmagadora de leis, decretos, regulamentos, avisos, portarias, que lhe são pertinentes. — toda uma densa, exuberante, copiosissima literatura legislativa e burocratica.

Afastemos o periodo, que vae de 1808, época em que d. João VI, cedendo ao que lhe representou o marquês de Goyana, estabeleceu as duas rudimentares Escolas de Cirurgia da Bahia e do Rio, para provêr de cirurgiões formados a colonia, que delles carecia, — até 3 de Outubro de 1832, data que assignala, no Brasil independente, a primeira tentativa de valor para a organização do ensino medico. A condição dos tempos e a natureza das proprias instituições rachiticas, primitivas, favoreciam o pollular de medidas parciaes, isoladas, sem uniformidade de orientação, servindo, de vehiculo via de regra, a graças personalissimas de el-rei. E foi, em grande parte, tentando a boa vontade, nem sempre prompta, do monarcha e valendo-se habilmente de minimas oportunidades felizes, que dois brasileiros illustres, Corrêa Picanço e Alvares de Carvalho, puderam assentar os primeiros lineamentos do ensino medico brasileiro.

Quero, entretanto, referir-me apenas ao que, no particular, occorreu depois da Independencia. Pondo á margem um verdadeiro alluvião de reforminhas incluídas no bojo proditorio de avisos, decretos executivos, concessões e leis, catadupa de reformecas, acanhadas e, não raro, provindas do favoritismo, da teimosia ou da ignorância, depara-se-nos, de 1832 e 1915, nada menos de sete reformas radicaes no ensino medico: a de 3 de Outubro de 1832, — a de 24 de Abril de 1854, — a de 19 de Abril de 1879, somente effectiva em 30 de Outubro de 1882, com o seu regulamento reformado em 5 de Outubro de 1884, — a de 10 de Janeiro de 1891, modificada em 24 de Junho de 1893, — a de 1.º de Janeiro de 1910, — a de 5 de Abril de 1911, e a actual de 18 de Março de 1915!

Na Republica, como vedes, aggravou-se a intemperança refor-

meira, conscios os nossos estadistas de melhor estirpe, talvez, de que “ao ter inicio um plano de ensino, já precisa de ser reformado” Impaciencias de progredir a todo o panno!

No que concerne a reformas, meus amigos, do ensino medico se dirá com justeza o que de seu amo, o civilizado Jacintho, o heroe desse admiravel — “A cidade e as serras” —, informava o fiel Grillo, o venerando negro, com certeza immensa, que sempre soffreu de fartura.

Não eram, via de regra, modificações parciaes, condicionadas por progresso natural e desejavel, forçadas por justa evolução. Eram, geralmente, remodelações verdadeiras.

Tão frequente reformar denuncia extremos no carinho, esmero no cuidado, demasias no affecto, — que sei eu? — tudo o que nos super-homens da politica nacional têm sempre as coisas do ensino o condão de despertar. Não faço duvida. Mas, por malicia minha talvez; não me sáe da mente, que decerto desarrazoa, a confissão que Molière poz nos labios astutos de Tartufo:

“..... Il est une science
Et de rectifier le mal de l'action
Avec la pureté de notre intention

E, porque um absurdo a outro invoca, recordo-me da deliciosa fabula do “Urso e do amator de jardins”, em que a alimária, por excesso na affeição, esmagou a cabeça do amigo, para livra-lo da importunação da mosca recalcitrante, e a que Lafontaine deu este remate lapidar:

“Rien n'est si dangereux qu'un ignorant ami;
Mieux vaudrait un sage ennemi”

Embora vizassem aperfeiçoar, o facto incontestavel é que tantas reformas successivas communicaram á marcha do ensino velocidade irregular, cheia de recuos e vacillações, sobresalteada intermittenmente de impulsos deseguaes e desproporcionaes ás vezes ao tempo e ao meio.

Cada lei nova, commumente, trazia a intenção de arrazar a precedente, considerada como causadora unica de todos os males, para salvar o ensino com systema diverso, aliás servilmente copiado de modelos alheios julgados mais dignos de imitação.

Sómente na letra das leis se via a causa dos males, embora as instituições que ellas preconizassem apenas existissem no papel, ainda de todo inexecutadas. Nunca se enxergou por trás das leis que falhavam a culpa de quem as não executava ou sophismava; nem houve vagas para verificar se existia abastança ou carencia dos meios ma-

terias necessarias á sua execução. Exemplifico. A lei de 1832, um primor de saber e previdencia, toda ella, já naquella época, era o preconio do ensino pratico, o prometter a abundancia de meios para desenvolvê-lo. A reforma de 1854, se não excedeu no prometter, sobrepuzou-a no exigir tal feição no ensino. Mas laboratorios não havia, ou eram rudimentares. Pois, o executivo, na altivez de sua indifferença, desprezou o dever de tornar applicavel a lei; não olhou para a necessidade. Quando, mais tarde, elle proprio teve de apurar as contas, definir responsabilidades, sabeis como sentenciou, sabeis quem, no seu julgado, devia pagar as culpas do atrazo? A lei e os professores: a lei que não fôra cumprida e os professores a quem se negaceara com pasmosa fertilidade de subterfugios, os meios de cumprir suas obrigações.

Imbuidos de que a golpe de decretos se transformam os povos, convencidos de que as instituições sociaes se fabricam, ou se destroem, ao bel prazer dos governantes pelo toque magico das leis, professando a doutrina de que estas são perfeitas quando se amparam nos sãos principios, embora inadaptaveis ao meio, o vezo era considerar provada, sem maiores ceremonias, a imprestabilidade do systema existente e ensaiar outro, por vezes o antagonico, cortando, por ingenuidade bemaventurada, o nó gordio das difficuldades com a lamina certa e infallivel de um decreto salvador.

Houve uma época na geologia em que os sabios, a cuja frente se alteava a mentalidade extraordinaria de Cuvier, imaginaram, para explicar as transformações da historia da terra, que, de tempos a tempos, a serenidade da natureza era perturbada, sacudida nas convulsões de um cataclysmo, que arrazava quanto pertencia áquelle periodo para criar outro, inteiramente novo e differente. Dest'arte quebrava-se a sequencia entre as varias edades, num eterno trabalho de arrazar e construir. Chamou-se a essa hypothese, na garbulha de vocabulos technicos em que os scientists pavoneiam a sua ignorancia para embasbacar a alheia, a doutrina do cataclysnismo ou do catastrophismo.

Ahi tendes um simile rigoroso para synthetizar as caracteristicas essenciaes da historia da legislação do ensino medico brasileiro: o regime do cataclysnismo, puro catastrophismo em acção.

Lançavam-se os alicerces de um plano. Sentidas as inevitaveis resistencias (do misoneismo em grande parte) ao revés de convergir esforços na adaptação progressiva, no corrigir os defeitos que a experiencia do proprio magisterio fosse indicando, no mandar excessos e asperezas, em summa no pertinaz labor util, mas de pouco luzimento, de feioçar a organização ao meio, sem lhe desmantelar o travejamento fundamental da estrutura, tudo era anseiar por formulas novas, clamar pelo exterminio do systema mal ensaiado e in-

nocente e pela sua immediata substituição. E vinha, então, o cataclysmo!

Nunca se apurou conscienciosamente, pode-se dizer, o verdadeiro valor pratico de qualquer dos planos propostos: nenhum teve a ventura de ser inteiramente applicado, nem logrou tempo para germinar, nem adqueriu meio para prosperar, quanto mais idade para produzir.

Sob esse regimen de mutações frequentes, rapidas e inesperadas, concedendo hoje para negar amanha, ampliando agora para restringir logo depois, construindo só pelo antegoso da voluptia morbida de demolir, evoluiu o ensino medico. Felizmente, apesar de tudo, evoluiu para o bem, graças á dedicação, ao altruismo, ao valor dos mestres que nas duas velhas Faculdades brasileiras vêm, ha mais de um seculo, enchendo de gloria e lustre o magisterio superior.

Mas como evoluiu, meus amigos? Trateado nas torturas de uma instabilidade, de uma insegurança, de uma incerteza, que não raro se tornam em pavor e descrença.

Eu de mim sempre concentrei a vehemencia do meu mais forte desejo em prol da longa duração da ultima lei, da então vigente, movido dos mesmos motivos por que a velha de Syracuse pedia aos deuses a prolongação, senão a eternidade da vida do tyranno.

Não é conservantismo. Não desamo o progresso. Mas, sei que as innovações só vingam quando baseadas na realidade dos factos sociaes e não em meras criações theoreticas. E tem principalmente de obedecer á acção poderosa das tradições.

Um certo amor ás tradições, ponderado e tolerante, é indispensavel aos povos, como o nosso, sob a constante ameaça de absorção estrangeira.

Como justificar, pois. o habito de copiar, na integra, instituições peregrinas?

Os povos, como os individuos, se não querem desaparecer na subservencia, devem ser ciosos de sua personalidade. Apercebendo-se das vantagens que a civilização contemporanea lhes offerece, acceitando qualquer collaboração pela sua cultura e pelo seu desenvolvimento, devem preservar as características essenciaes de sua personalidade, devem conservar intangivel a sua alma collectiva, a menos que não aspirem o ineffavel regalo de retornarem ao regimen colonial.

Para colher a lição dos bons exemplos não é preciso copiar; basta adaptar e ainda assim com parcimonia, attenção e opportunismo.

Ademais, o que se copia é, na verdade, o espectro do instituto alheio, uma formula vasia, a instituição morta, porque com ella não vêm o espirito do povo que a formou e lhe deu vitalidade, as

condições mesologicas de que proveiu e que a nutriam de seiva fecunda.

Todo o mundo sabe que as boas leis surgem dos conselhos da experiencia bem encaminhada, mas as reformas do ensino medico quasi sempre rebentaram, armadas em guerra, da vontade toda-poderosa de ministros, sem a sufficiente pratica de magisterio, quando muito orientados por insinuações amigas de alguns competentes. A audiencia das congregações foi, na quasi totalidade dos casos, uma burla; ouviam-nas, é certo, mas não as escutavam, nem levavam em conta as suas reclamações e os seus conselhos.

A extensão territorial do paiz obrigava a firmar, de facto, certos principios geraes indispensaveis á unidade nacional; ella mesma impunha, porem, o dever de consentir, quanto possivel, no completo aproveitamento das diversas possibilidades regionaes, deixando evolver autonomo cada nucleo, consoante as solicitações e os estímulos do meio. Mas as reformas, numa obsessão doentia de uniformidade absoluta, forjadas no Rio e para o Rio, sómente ás suas condições locaes consultam, só as suas falhas e aspirações attendem e provêem. Remanescem, destarte, na federação republicana, possantes, os habitos centralizadores da monarchia decahida.

Temos, meus amigos, acendrado culto pelas formulas novas, mas, no intimo, somos realmente o mais conservador dos povos:

A relativa autonomia docente concedida ás congregações em 1911 apenas mitigou o vicio, que talvez a formação universitaria, em moldes liberaes, consiga suprimir.

O facto é que as Faculdades existentes nos Estados terão de viver numa subserviencia intellectual, humilhante e esterilizadora, á gloriosa Faculdade da velha Côrte.

A FACULDADE DE MEDICINA DE S. PAULO.

Agora, digei-me, em san consciencia, se a nossa Faculdade, mercê da sua independencia relativa liberta de todos esses males, não está em situação excepcional para progredir podendo tornar-se, em breve, um estabelecimento modelar de ensino medico no nosso continente?

As leis de sua organização, feitas em S. Paulo e para S. Paulo, têm de fatalmente consultar ás necessidades e ás aspirações do meio.

Ponderae, alem disso, meus amigos, em que os administradores paulistas sempre souberam distinguir, acima da grita e das lamurias da politicalha famelica, os interesses da communhão e em que se tornou praxe sempre obedecida a de auscultar a opinião dos competentes, antes de decisão definitiva sobre os mais serios passos da administração publica. Em S. Paulo não se acclimou, nem se acclimará, a

superstição perigosa e ridicula de que, com a investidura numa função publica qualquer, recebe o escolhido a virtude da omniscencia e o signo da infallibilidade. Não é, pois, preciso descortino excepcional para assegurar que as reformas do ensino medico paulista advirão sempre da experiencia abalisada do corpo docente desta Faculdade, amadurecidas pelo estudo detido, bem orientado e competente. Nunca, como alhures, virão de instigações de grupelhos inquietos, avidos de occasião azada para que prevaleça um mesquinho interesse pessoal ou para que se venham a saciar vinganczinhas vis. Nem se reformará jamais o ensino, podeis affirmal-o com orgulho, para contentar ambições domesticas, ou planozinhos de sabidorios mandões de regia parentela, ou exigencias irreductiveis de filhotismo astuto, ou desejos insaciaveis de nepotismo sugador.

Podemos, pois, ter a confortadora certeza de que esta Faculdade nunca terá, em seu passivo, leis intempestivas, nem inuteis, nem theoricas, nem pessoaes.

E meridianamente resahe a conclusão de que ella tem a seu favor possibilidades de tal jaez, que se não encontram melhores nas existentes nas outras parcellas da federação brasileira. Seu caminho é facil, seguro, desempeçado dos multiplos estorvos por que têm amiude as outras de romper para a victoria definitiva. E os poucos annos de sua existencia o demonstraram brilhantemente.

O ENSINO TECHNICO.

As Faculdades de Medicina hão de ser, antes de tudo, escolas profissionaes, vizando preparar bons technicos, forrados, é claro, de uma solida e vasta cultura scientifica, que lhes alargue o horizonte intellectual. Sem tal cultura não teremos medicos; mas, quando muito, habeis enfermeiros.

Neste ponto singular ventura presidiu o nascimento da nossa Faculdade. Fundada por um clinico, eminente entre os maiores, seus professores ascenderam ao magisterio, vindos directamente da actividade clinica intensa, onde os foi surprehender a escolha do fundador desta Casa. Trouxeram-lhe, portanto, a par do conhecimento profundo de todas as difficuldades da vida profissional, capacidade para lhe dar, sob este ponto de vista, a orientação mais feliz.

A preocupação do ensino pratico foi a dominante, desde os primeiros dias de sua existencia.

Madrugou-lhe esse cuidado absorvente no tecer-se a propria trama de sua formação, tão forte, por vezes tão exclusivo, que já houve quem pretendesse vêr, no seu exaggero, antes defeito do que merito.

E' caracteristico nesta Faculdade o afan com que todos, sem distincção, numa unanimidade impressionante se empenham para dar a maxima amplitude ao ensino pratico, tanto nas cadeiras de laboratorio, como nas clinicas, e se esforçam por inculcar no espirito do alumno a sadia curiosidade scientifica o desejo e o prazer da pesquisa original, do trabalho proprio.

Sem vislumbre de lisonja: estou convencido de que, deste ponto de vista, a Faculdade de S. Paulo leva já hoje algumas vantagens ás congeneres do paiz. Já o proclamei na minha velha e carissima Faculdade da Bahia, guarda gloriosa das mais gloriosas tradições da medicina brasileira, quando me recebiam, não ha muito, o carinho e a affecto do seu douto e illustre corpo docente.

O ensino clinico nesta Faculdade, dispondo de material abundantissimo e de professores tão competentes e affeitos aos segredos da boa pratica profissional, não podia deixar de ser efficiente. tendo, além disso, em conta as facilidades decorrentes da matricula restricta.

Nunca devemos esquecer que esta Faculdade provém directa, legitimamente, do pugillo de dedicados que, no Hospital Central da Santa Casa, vinham individualizando uma verdadeira escola medica paulista na perfeição dos methodos technicos, na selecção da doutrina scientifica, na dedicação ao trabalho e no zelo pela honra profissional

FOCO DE CULTURA

Com o ser uma boa escola profissional, uma Faculdade não é tudo que deve ser. Ha de estar entre seus fins o de constituir um robusto centro de cultura e de aperfeiçoamento scientifico.

Busquemos sequiosos, meus amigos, a cultura estrangeira como lastro e estimulo para fundar a nossa; jámais como factor de desnacionalização. Pensemos por nós, num patriotico exclusivismo. Trabalhemos, cada qual, como puder, na sua seára, com pertinacia, para essa magnifica obra de nossa definitiva emancipação intellectual. Então a terra immensa e linda, que nos coube, abrigará um povo capaz de consumir um dia o sonho do poeta, que é tambem o nosso, — de viver a hora sublime em que

...teus ardorosos filhos
Fortes pela razão encham todo o futuro
Com tamanho poder e com fulgor tamanho
Que a terra toda fique em altar erguida
Para incensar-te o vulto, oh! Patria estremecida!

A missão historica de S. Paulo, bem o sabeis, não está finda. Novas bandeiras hão de irradiar-se daqui, como outróra, devassando os sertões brasileiros e levando-lhes a saude e a instrucção; não mais.

impellidas pelas seducções da fortuna incerta, mas pelo ideal maravilhoso da criação de uma patria melhor e mais forte no trabalho e na honra de seus filhos.

S. Paulo, se o quizerdes sincera e firmemente, meus senhores, constituirá, dentro de poucos annos, um nucleo de elaboração scientifica de tanto vigor, que não receio prognosticar se tornará, sob varios aspectos, o fulcro da actividade medica do paiz.

Aquelle claro e formoso espirito que formou esta Faculdade; que ainda hoje, na calma das horas felizes, como na escandescencia das paixões desencadeadas, sentimos junto de nós, como um symbolo de concordia, nossa luz e nosso guia; aquelle, cuja existencia nesta casa se resume no moto que Ferreira esculpiu para El-Rei D. Diniz e que com inteira justiça já se applicou a outro brasileiro illustre, Alfredo Britto, que com elle tanto se parecia e que no merito o iguallava:

"Regeu, edificou, lavrou, venceu";

aquelle, cujo nome não é mister que eu pronuncie, porque sinto que está nos vossos labios como na funda commoção que o evoca-lo produz em todos nós; o immortal fundador desta Faculdade teve sempre a illuminar-lhe os passos esse sonho de extraordinaria belleza. Para elle orientou o professorado, por elle amparou sem vacillar os que davam sincera e decididamente á sciencia os unicos bens que possuíam — a intelligencia, o trabalho, a fé, a vida inteira, — e nelles transfundiu animo e confiança.

O resultado ahi tendes. Quando mão experiente e imparcial`gizar a historia da actividade scientifica de nossos dias, aquilatareis devidamente o muito que no particular já logrou fazer esta Faculdade, apezar da pobreza de sua provisoria installação e das contingencias do material muito precario; tudo porque nella predominaram duas qualidades eminentemente paulistas: o amor ao trabalho indefesso e a seriedade no encarar e cumprir deveres. E logo que os seus laboratorios possuirem recursos adequados o que não tardará muito, mais notavel ainda será a contribuição da Faculdade medica paulista para a sciencia brasileira.

Definidas, como são, as directrizes do seu futuro, bem vedes que a nossa Faculdade não é uma aventura. Nunca foi uma tentativa capaz de falhar. Velho compromisso da Republica nos seus primeiros dias, teve a felicidade de encontrar no governo Rodrigues Alves a administração capaz de cumpri-lo e em Arnaldo Vieira de Carvalho, não sómente um homem para tanto, mas "o homem" de que a obra ingente necessitava. Por si conquistou e mantem, com garbo e bizzarria, logar de relevo no ensino brasileiro e, em breves dias,

estou certo, se firmará, no conceito do paiz inteiro, como um astro de primeira grandeza no ensino medico nacional.

Ha oito annos, numa sala emprestada da Escola Polytechnica, aquelle mesmo, a quem hoje é dado presidir os seus destinos, saudava o seu nascimento, vaticinando que nella não se limitariam os seus operarios “a assimilar o que lhes vem do estrangeiro; os nossos laboratorios tambem produzirão trabalhos dignos de nota. E a Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo será qual outro pharol donde se irradiará o progresso deste Estado, levando bem longe o seu renome” Cumpriu-se o vaticinio.

S. Paulo póde orgulhar-se da sua Faculdade; ella já conquistou inelutavel direito de existencia.

UMA UNIVERSIDADE EM S. PAULO

Para consolidar o ensino superior paulista, que tanta opulencia de vida evidencia, para que não pereçam, nem se empanem, os fortes estimulos que o revigoram, está a impor-se agora a fundação de uma Universidade.

Seja a Universidade do sul do Brasil, localizada no Estado de S. Paulo. Este tem direitos incontestaveis para pleitear essa causa justissima perante o governo da União, que não fará nenhum favor, em attendê-lo.

Mas, se quizer dar-nos Universidade, dê-nos uma instituição de verdade, nos intuitos, como na entrosagem de sua organização, e não simplesmente uma Universidade de fachada, para assombro de estrangeiros e gaudio de nosso espectacular patriotismo externo; não Universidade de rotulos novos e pomposos, prestantes para ornamento de cartões de visita e illustração de placas e annuncios profissionaes, nem Universidade só de titulos numerosos, burocracia cogumellar e papelorio abundantissimo; mas Universidade de verdade, — que faculte a sufficiente e imprescindivel autonomia ás congregações docentes na orientação do respectivo ensino. — que favoreça a interpenetração das sciencias professadas nos varios institutos, — que congrace e uniformize esforços esparsos e alargue horizontes intellectuaes por um ideal commum e um trabalhar synergico. — que, acima de tudo, possa formar um potente foco de educação moral, capaz de imprimir cunho proprio e nosso na alma de seus filhos.

NECESSIDADES DO ENSINO DA ETHICA MEDICA

Meus senhores:

De uma critica nunca se eximiram as nossas faculdades medicas, como, aliás, em geral as estrangeiras. Cuidavam da educação e da

instrucção intellectual e technica dos futuros medicos, mas descuravam de sua instrucção moral, não os apaixonavam pelo estudo das questões concernentes á medicina profissional, á ethica e á jurisprudencia medica.

A falha dispensava o luxo de demonstrações: entrava pelos olhos. A parte reservada a semelhante ensino nos cursos de Medicina Legal era demasiado estreita para materia de tanta relevancia. De ha muito vinha pervicaz propaganda por que se instituisse um curso á parte, em que taes assumptos houvessem o preciso desenvolvimento, solução adoptada com exito feliz em meios outros, por identicos motivos. Tardava, porém, inquestionavelmente, a victoria do nobre empreendimento. Teve, então, a douda congregação da nossa Faculdade um gesto que bem claro patenteia os ideaes que a alentam: tomou, sob o prestigio de sua responsabilidade, a iniciativa de fundar o primeiro curso official e independente destinado no Brasil á Deontologia Medica e ás questões de Medicina Profissional. As directorias, quer a actual do sr. professor Edmundo Xavier, quer a de seu digno e esforçado antecessor, professor Ovidio Pires de Campos, cercaram a idéa de incondicional apoio. Com a sua realização, vós, meus jovens amigos do Centro Oswaldo Cruz, conseguistés ver satisfeita uma antiga aspiração vossa.

Em tudo, evidentemente, só existiu um mal, já agora sem remedio. Ironia do acaso, entregou obra de tanto vulto a hombros frageis, que nunca alcançarão ergue-la até onde deve ser: a circumstancia fortuita e lastimavel de não ter eu desoccupado em tempo opportuno a cadeira de Medicina Legal da Faculdade indicou-me para dirigir o curso novo, conferindo-me uma honra insigne, das maiores da minha carreira, timbrando ainda uma vez o destino dadivoso em me conceder muito mais do que a justiça mandava e a minha propria esperanza requeria.

UMA CRISE

Não ha como encarecer que a criação do novo curso, sobre ser util, é opportuna.

A nossa profissão padece, nos centros mais adiantados do paiz, como algures, uma crise moral e material, que dia a dia mais clara se define e se accentua.

O phenomeno é universal e de ha muito assignalado em outros paizes. Depende naturalmente das condições intellectuaes, sociaes e moraes do mundo occidental neste momento historico.

A loucura collectiva, que durante quatro annos empolgou num delirio sanguinario os povos mais cultos do globo e, ainda mais, o cruel e desmesurado utilitarismo, que nos ultimos annos vem

avassalando os meios da mais elevada cultura, arrastaram espiritos do mais fino quilate a proclamarem a fallencia moral da humanidade.

Decerto não lhes assistirá razão inteira. E' incontestavel, entretanto, que um estado de sobresalto, de inquietação, de indecisão, de ansiedade, de duvida agita e perturba a nossa epoca. A confiança menos firme nas soluções que a moral religiosa offerencia aos problemas mais serios da vida humana, o progresso do espirito de critica, derribando velhos preconceitos sem lhes dar apropriado substitutivo e a complexidade crescente da vida moderna, desviando o eixo de muitos problemas moraes e impondo-os á analyse sob novos aspectos, não eram factores para atenuar, mas para agravar, esse tredo desassocego" Como ha seculos sob o céu glorioso da Hellade, o enigma da significação, da utilidade e da finalidade da vida abate na mesma duvida cruciante o homem, incapaz de resolve-lo"

Nenhuma profissão fugiu, nem podia fugir, á influencia deliquescente desta situação moral de nossos tempos.

Ao lado dessas causas, que desafiam argucias e altas meditações, a que me não atreveria, outras mais proximas, mais rasteiras, mais accessiveis existem.

PLETHORA MEDICA

A plethora de medicos nas grandes cidades modernas tem impressionado quantos estudam o estado actual da nossa profissão, obrigando-os a commentarios que já formam uma literatura regular.

No nosso paiz ella se prenuncia assustadora. Seis Faculdades em pleno e continuo funcionamento (e outras tantas em formação) diplomam annualmente dezenas de medicos, em numero sempre progressivo. A matricula, nas quatro Faculdades sujeitas ao governo federal, subiu de 1.697 em 1917 a 2.678 em 1919, mantendo-se em 2.307 em 1920!

Não andaria, pois, longe da verdade quem orçasse em trezentos o numero de medicos formados no Brasil em cada anno. Espalhados proporcionalmente pelo vasto territorio do paiz, não haveria talvez excesso. Mas na sua distribuição influe preponderantemente o conhecido phenomeno do urbanismo, a acção absorvente das grandes cidades tentaculares. Os medicos sahem das escolas cheios de ambições de conforto e difficilmente se sujeitam a embrenhar-se pelo interior do paiz, para vegetar, isolados do mundo, no marasmo senil das cidades mortas, na pasmaceira muçulmana de povoações sem futuro. Depois, no povoamento irregular do nosso sertão, é commum a existencia de pequenas agglomerações, insuladas e distantes, pauperrimas, vivendo vida miseravel, sem recursos para manter medico, embora de mo-

destia ridiculamente facil de satisfazer. Destarte, as levas annuaes de medicos damandam as cidades da costa, da linha mais ou menos civilizada do littoral, ou as mais florescentes do interior e, em especial, as capitaes dos Estados mais adiantados. O assombroso progresso de S. Paulo attráe cada dia, maior numero de medicos de todo o paiz, invasão que, depois da fallencia do “ouro negro” da Amazonia, é sempre mais vultosa.

MEDICOS ESTRANGEIROS

De outro lado as correntes de immigração estrangeira carregam tambem para aqui bom numero de profissionaes.

Não pretendo escurecer o valor da contribuição immigratoria na nossa prosperidade. Quando por mais não valesse, a competição do immigrante levanta, pelo exemplo de trabalho porfiado, de fortaleza de animo e de confiança nas proprias forças, o espirito combativo do natural, collocando-o na contingencia dura de lutar ou desaparecer, revive as suas qualidades masculas que a existencia desambiciosa e facil aniquila. Onde é maior o elemento estrangeiro, mais efficiente desperta o patriotismo e se acrisolam os uteis movimentos nacionalistas.

Nunca, porém, as vantagens da immigração poderiam explicar sequer a exaggerada liberalidade com que desequipamos o medico estrangeiro do nacional, dispensando-o das provas mais trabalhosas de capacidade profissional e moral, que a lei teve por melhores na habilitação dos que se destinam a exercer a medicina. Comprehen-sivel até certo ponto, quando apenas duas Faculdades Medicas brasileiras não podiam dar vasão ás necessidades do paiz extensissimo, hoje só seria toleravel se concedida aos filhos de nações que outorgassem aos nossos diplomas scientificos prerogativas identicas.

Todas essas facilidades, excessivas e injustificaveis, têm concorrido para augmentar sempre o numero de medicos estrangeiros, que vêm a S. Paulo exercer a profissão. ás vezes passageiramente, como “cometas” que luzem mais ou menos.

Sommae todas as parcellas, que vos tenho apontado, comparae o producto com o crescimento de nossas populações urbanas, embora nas zonas em que foi mais intenso, e dissei-me se exagéro quando temo uma grave crise material por plethora medica, nas cidades mais adeantadas pelo menos?

O CURANDEIRISMO

Pois ainda não é tudo! E a concorrencia illicita? E a damninha arvore do curandeirismo, frondosa na area de seus dominios, pro-

funda na multiplicidade de suas raizes labyrinthicas, altiva na desfaçatez com que se ostenta, malefica na exuberancia do seu poder?

Dizem que pagamos peccados de uma herança. Foi um curandeiro, o barbeiro Antonio Roiz, juiz do officio dos physicos em 1597 na nascente cidade de S. Paulo, o nosso decano, o primeiro que aqui exerceu a nossa profissão. Não nos devemos queixar dos collegas e descendentes desse antepassado nosso.

O curandeiro, typo obrigado nas cidades do paiz, era, dantes, simples, humilde e sincero. Com o progresso impou, criou philaucia, appareceu á luz do dia, fingindo convicções para engodar basbaques. O seu avoengo, o conhecido typo do curandeiro, africano ou caboclo, pelo menos tinha a attênuação da sinceridade; na sua arrevesada therapeutica de rezas e mezinhas, de orações e preceitos, havia um fundo religioso, primitivo mas sincero, facil de rastrear sob as formas de mimetismo e de mestiçagem psychologica sob que se mostrava. O actual é apenas um explorador, que cava despudoradamente no aureo filão que lhe deparam os resquicios de feiticismo que remanescem no substrato de todos os espiritos. E tem uma influencia perniciosa sobre a pratica de nossa profissão: absorve avultada clientela dos medicos, nutre-a de erros, enfermado-a de credices e abusões, desmoralizando-a em summa.

DIMINUIÇÃO DAS DOENÇAS

Ao tempo em que augmenta o numero de medicos, em que se multiplicam as traças e as manhas dos curandeiros, tende a diminuir a cifra global dos doentes. Por toda a parte é assim nos meios cultos e nós não teremos a infelicidade de constituir excepção singularissima. Fallecem-nos, é verdade, estatísticas para pôr a prova em numeros. Certo é, porém, que o coefficiente de mortalidade geral decresceu em S. Paulo de 28,09 em 1872 a 16,76 em 1918. Será semelhante redução em boa parte um merecido louvor á therapeutica dos nossos clinicos. Sobra, porém, alguma coisa que deve caber á hygiene. Pois haverá quem conteste o abaixamento da mortalidade das doenças epidemicas?

Escriptor malevolo qualificou de immoral a profissão medica porque vive do soffrimento alheio. Na censura transparece saude florescente: na hora da doença para todo o mundo o medico é um repositorio de admiraveis virtudes. Todavia esqueceu o critico saudavel que “representamos a unica profissão que pelo desinteresse, a si propria se destróe”. “Sempre fomos os principaes adversarios das doenças de que triumphamos: variola, typho, diphteria e tantas

outras. Uma só epidemia de variola em uma unica cidade enriqueceria mais um medico do que 25 annos de pratica clinica em um seculo em que se pratica a vaccinação”.

O AUGMENTO DO NUMERO DE MEDICOS

Diminuem os doentes, decresce o numero de clientes, desviados pelas benemeritas obras de assistencia e pelas mutualidades, ou roubados pelos meios illicitos do curandeirismo; mas augmentam os medicos!

Não deverá ser, então, facil ganhar a vida como medico! E porque sempre mais avultado é o numero dos que procuram a medicina?

Curioso livro de psychologia o que registasse os resultados de um inquerito sobre as razões da escolha de uma carreira!

Quando indago das que me moveram á profissão que abracei, responde-me do passado a imagem de um velhinho muito vosso conhecido. Estou a vê-lo. Cheio de bonhomia e tolerancia, confiante e alegre, de uma alegria placida, tranquillã, tão igual que a sua equanimidade se reflectia até na constancia do trajar: sobre a calva lustrosa, aureolada de uns lindos cabellos brancos, o infallivel chapéu alto, gmeo daquella sobrecasaca larga e senhoril. Era o “medico da familia”, fiel companheiro das horas amargas do desalento. Em geral não conseguia ser notabilidade, nem aspirava á riqueza. Era um humilde, mas todo elle irradiava bondade e confiança. Percebo que constituia, em meu pensar, o symbolo da bondade e da medicina, que a minha ingenuidade pueril não comprehendia uma sem outra. Pieguices de outros seculos, meus amigos!

Na escolha da carreira hão de prevalecer motivos mais fortes e profundos, que a hereditariedade tantas vezes mascara no nosso inconsciente. E’ bem provavel que entre elles esteja o prestigio de que entre nós gosaram os titulos.

Nenhum principio mais contra a natureza do que o da igualdade; nem nas recompensas do ceu misericordioso ha igualdade, o que não quer dizer que não haverá justiça.

O titulo scientifico era, dantes, o meio mais accessivel para pertencer a um escol, para sahir da vulgaridade. Não houve pae que não sonhasse ter um doutor na prole.

Não reputo um grande mal o doutorismo. Ser doutor será, pelo menos, “um modo elegante de não ser analphabeto”

OS MEIOS DE SELECCÃO

Não formarei com os que descobrem no encarecimento exaggerado do ensino superior meio de conseguir que a mocidade á gloria fa-

digosa das letras prefira a doce e calma vida dos campos. Selecção odiosa, iniqua e contraproducente. Não são sempre das classes abastadas os individuos de mais possante intelligencia.

Alisto-me, porém, entre os que se batem por mais forte selecção intellectual. E tambem moral. Porque não exigir, dos candidatos ao exercicio da medicina, prova de idoneidade moral como se exige de idoneidade intellectual e technica?

A selecção intellectual ha de começar pelo curso chamado secundario, feito com o methodo que só uma boa organização gymnasial faculta. Não nos esqueçamos de que a funcção do ensino basico, ou secundario, não é entupir intelligencias de factos, datas, leis, regras e palavras, nem suffocar sob a pressão de ideas alheias tendencias aproveitaveis de cada individuo, delindo a parte original da personalidade que vae alvorecendo. Mas é, principalmente, educar a intelligencia, seleccionar, reunir, desenvolver e aperfeiçoar tendencias, criar bons habitos mentaes. Não escondo minhas sympathias por uma solida cultura classica. Contrastear o valor de uma disciplina pelo numero de vezes que della nos aproveitamos no ramerrão profissional será orientação pratica, progresso. o que quizerem. Para mim é absurdo. E' desculpa de preguiçoso, que dormiu no tempo de arar o campo, folgou quando devia semear e que se morde de despeito, porque não pode colher os fructos sazonados. Não pretenderei que o curso se resuma nas chamadas bellas letras. Tenha a maior parte delle a aprendizagem das linguas vivas, indispensaveis á acquisição e á permuta, mas acima de todas a nossa que deve ser a mais viva nas preferencias do nosso coração, e, com ella, o estudo das sciencias do nosso tempo, mórmente das sciencias experimentaes.

Não quero que me suspeiteis de velho. Quanto mais de mim se achega blandiciosa a velhice impertinente, mais eu a detesto. O segredo da attracção que a vossa mocidade exerce sobre mim está em que a vosso lado sinto o milagre do rejuvenescimento. Demais a velhice só é bella quando não tem pessimismos, nem queixumes, quando conserva o enthusiasmo e a exuberancia do coração.

Falar do seu tempo é, porém, consolo de saudade, que a caridade humana manda tolerar. Permitti, pois, que eu vos recorde que já tivemos ensino de humanidades digno de encomios. Passou de moda. E, com a moda, arrefeceu o enthusiasmo, o ensino minguiu e a bem pouco ficou reduzido. Confortavam-nos com a promessa de que ia substitui-lo vantajosamente o ensino pratico das sciencias experimentaes. Mas, como todas as promessas

Não se compadece a medicina com a posse somente de uma boa cultura literaria e scientifica; exige aptidões especiaes. Requer curiosidade scientifica, — faculdade de observação exacta, precisa, methodica, — memoria fiel e bem educada, — aptidão de critica segura e

constante, — larga dose de bom senso, — habito de experimentação, — e até agudeza de certos sentidos, que a pratica refina. E que meio mais conveniente para preparar os fundamentos da educação profissional do que o estagio de um anno preparatorio nos laboratorios e museus para o estudo completo da physica, da chimica e das sciencias naturaes? Seria o succedaneo do nosso exame vestibular, tão util aquelle, quanto este é ridiculo.

No curso medico cumprirá apurar mais decisivamente ainda a selecção.

E o meio? Difficultando os exames finaes — é o sentir mais espalhado.

Antes de mais, permitti que eu vos relembré que nem sempre exame final difficil é prova de ensino conveniente e apropriado.

Ha mais.

VALOR DOS EXAMES FINAES

Sr. director e meus collegas:

Nos dias de festa, ha sempre absolvição plena para os peccados veniaes dos membros da confraria. Fecha, pois, os ouvidos para que vos não horrorize a sincera confissão minha de que sou dos poucos brasileiros que não têm fanatismo, nem confiança, no poder seleccionador dos exames, taes como os temos entendido. Tenho a impressão de que foi um systema psychometrico, que a China nos herdou e que certo gosto pelos jogos de azar desenvolveu e radicou. Quasi vinte annos de magisterio não me convenceram do merito desse methodo fulminante de, em algumas horas de contacto, avaliar merecimentos, dosar capacidades, rotular, numerar, classificar intelligencias, todas tão diversas, mas todas bem arrumadinhas, no seu logar devido: grau 1, grau 2, grau 3, grau 1.000. Creio, porém, firmemente nos julgamentos que se formam aos poucos, na observação constante, praticada sem precipitações, feita sem as turbacões da emoção, sem os perigos do engano pela audacia ou pela modestia inibidora, na intimidade dos laboratorios e das salas de clinica, no convivio das palestras cordiaes e respeitosas, no tirocinio, emfim, dos trabalhos e estudos escolares do anno lectivo. Nestes julgamentos, sim: nestes, creio eu. Desde que nos não é dado supprimir a velha formalidade do exame final de cada anno, substituindo-a pela simples promoção imposta pelas notas de curso do alumno, conservemos, e, se possivel, até augmentemos, o salutar fraccionamento do exame nas provas parciaes durante o anno. E demos peso, cada vez maior, ás notas de laboratorio e de trabalhos praticos.

Assim, apurando e depurando, seleccionando com justiça e seriedade, ao mesmo tempo attenuariamos a plethora professional amea-

çadora que nos espera e elevaremos ainda mais o nível intellectual e moral de nossa classe.

O PERIGO DO MERCANTILISMO

Gera a plethora concorrencia intensissima, luta desapiedada e sem mercê.

Logo ao iniciar os passos, ainda incertos, na vida profissional, aguarda ao novo medico grave perigo moral. Vae experimentar-lhe o animo traidora tentação. Nas grandes cidades os processos de facil aquisição de grandes haveres na industria e no commercio, os exemplos frequentes de enriquecimento quasi instantaneo, os prazeres e o conforto material, que o dinheiro prodigaliza, são, para muitos, incentivos capazes de dobrar o animo ao mal. Em semelhante conjuntura, na alma do medico, a menos que a sustentem um caracter de forte tempera e o calor de um nobre ideal, dominará um só desejo, concentrando-se toda a sua vida, sua força e sua coragem num pensamento unico: vencer! Mas vencer logo, vencer, seja como fôr, tendo como lemma—“veni”, “vidi”, “vinci”. A sabedoria popular pintou a estrada do dever ingreme, aspera, difficil e, sobretudo, longa. A deshonestidade e o desescrupulo têm atalhos por toda a parte. O exemplo dos que triumpharam por estes, a revolta maldosa dos que falharam e o scepticismo dos que só conquistaram dignamente a felicidade entre fadigas desproporcionaes poderão instillar-lhe a peçonha de um utilitarismo materialão e grosseiro, que vota a existencia do homem á felicidade material e cuja moral se resume na maxima de que “são bons todos os caminhos que levam a Roma”.

O annuncio será a primeira pèdra de toque. Póde ser o primeiro deslize. Nelle ser sobrio é ser digno. Prometter o que se não póde dar, vender por ouro de lei imitação grosseira, affirmando o que não é, que será, senhores meus, senão o dolo de quem emprega meios de, illudindo a boa fé de outrem, se apropriar indevidamente do que lhe não pertence?

Receio mais, pela extensão dos seus maleficios, o medico charlatão do que o charlatão curandeiro.

Outro escolho temivel é a preferencia de uma especialidade. Emquanto na clinica medica, que obriga ás fadigas da pratica domiciliar, não corresponde a remuneração ao esforço, até pela impossibilidade de attender avultado numero de chamados diarios, mais do que a cirurgia geral as especialidades, compatíveis com a clinica exclusiva de consultorio, promettem longa e facil recompensa. Dahi o desejo predominante de rumar ás especialidades.

E' um curioso aspecto da crise que venho commentando.

Fugi, meus amigos, da leviandade de eleger uma especialidade

guiados pela ambição de lucros. O exercício de qualquer dellas exige virtuosidade, gosto, predilecção particular que se não forçam, nem se adquirem pelo só poderio da vontade.

O INDIVIDUALISMO PERNICIOSO

Sitiado por concorrência asphyxiante, immerso numa luta febril, nem sempre leal, pôde-se ir entranhando no espirito do medico um pernicioso individualismo. Se triumphou, porque attingiu á meta sózinho, sem ajuda, despreza indifferente o confrade vencido. Se esperou triumphar e a sorte lhe foi madrasta, porque experimentou a immensa tristeza do desamparo, a amargura da existencia falhada, sem rumo, concentra os rancores de sua desdita no odio contra o forte que o esmagou. Em todas as profissões é assim, bem sei. A apparencia hypocrita de fraternidade e consideração é apenas a certeza de que a hora da vingança ha de chegar. Lá um dia o triumphador, no acceso de uma luta, ha de despenhar-se da altitude em que o collocou o proprio esforço. Imaginae que o vencedor, leal na lide, crescesse na victoria por poupar o vencido. Mas, ainda assim, este não terá guarida, nem descanso, nem amparo. Tudo será esquecido: seus meritos, seu valor em dithyrambos dantes proclamado, o bem que derramou, tudo o que fez. Os Panurgios da barca, transidos de pavor, escondem a coragem franzina nos porões escusos quando ruge a colera da tormenta; mas na bonança ahi estão a exhibi-la, areada e resplandescente, em desafios e injurias á fraqueza descoberta. E' o momento asado para chacina. Avançam em hostes serradas e densas, audazes e emprehendedores, na faina improba de ferir, de estraçoar, de espostejar, de esmigalhar, de exterminar, de pulverizar em summa, para que do ser, que tantas vezes endeusaram, não reste cinza, nem memoria.

Resquicios de influencia totemica deram por symbolo, aos fortes e leaes, o leão e a esses, a hyene e o chacal. Anossa fauna offerecelhes symbolo mais adequado na ave negra da podridão, de bico adunco, saltitante, de porte comico, mas pesada, grasnante sempre, sempre covarde pertinaz na malvadez por indole, — o triste urubu'!

São as consequencias do individualismo exaggerado.

Quereis ver a que excessos pode conduzir em moral a expansão absoluta das forças individuaes em detrimento da collectividade? Voltae os olhos para "a mais portentosa e ardente glorificação da vida em opposição á intelligencia, da força contra a bondade, a mais entusiasticas apotheose das qualidades mais crueis da varonilidade", para a moral do super-homem no pragmatismo radical do Nietzsche. A vontade de poder como unico movel das acções humanas é "apo-

logia allucinante da expansão do individuo, abrindo sem peias, nem tolerancia, o seu caminho na vida” para subjugar os semelhantes reduzidos a um rebanho de escravos; é a selecção humana accelerada pela guerra violenta e continua para suppressão rapida da “multidão dos desgraçados que a debilidade natural tornou improprios para a luta pela existencia”! Moral sem justiça, sem piedade, sem remorso, que o forte constroe para si com o só motivo de sua necessidade. “Fazei-vos duros, é a nova lei”, pregava Zarathustra. “Vivei sem peias, livremente” “Sêde arbitros do vosso proprio destino”!

Quando no espirito amaina a impressão formidavel da visão desmesuradamente grande do pensador genial e da seducção do estylo admiravel do poeta, não ha quem não estremeça de pavor e tristeza só com a idéa de que fosse possivel o advento pratico de tal systema.

NECESSIDADE DA ASSOCIAÇÃO

Salvo subvertendo as leis naturaes, em moral, como em politica, é insano pretender supprimir em absoluto os direitos individuaes como os collectivos. Mas a verdade é que o “homem moderno tende a ser cada vez mais um ente colectivo” De facto, a importancia que a collectividade vae assumindo em face do individuo é uma das principaes características do nosso tempo, disse Sighele.

Todos os esforços no nortear uma linha de conducta devem ser em pról da conciliação do maximo de liberdade individual com o maximo de solidariedade indispensavel á hygidez da vida collectiva. Esta solidariedade, condição da estabilidade social, ha de forçosamente se tornar mais necessaria para aquelles que têm interesses moraes e materiaes communs, mentalidade semelhante, feçoada pelo exercicio da mesma profissão. Ninguem se furta á acção do grupo social a que pertence. E’ baldado o sacrificio de isolar-nos, tão fundo se infiltram em nós as características da mentalidade professional.

O esforço individual, que é nada na existencia dos povos, só medrará na consonancia de esforços semelhantes e convergentes, formando irresistivel avalanche. Unidos na defesa de nossos direitos, dos nossos interesses materiaes e moraes, guiados por um ideal commum, poderemos pensar em ter uma eficiencia social decisiva para impor as obras de saneamento de que o nosso paiz precisa. O proprio instincto de conservação alimentará, com a defesa externa, a co-opeção interna no augmento do patrimonio cultural, na melhor policia dos costumes, na elevação dos ideaes, nas relações de confraternidade sempre mais estreitas. Essa solidariedade confraternal deve ser a mira de todos os nossos esforços. O medico, que de-

precia o confrade, esquece-se de que, por final, vae recahir sobre elle mesmo a desmoralização com que pretende ferir.

Sei que, como em todas as collectividades, nunca conseguiremos expungir de nosso meio os maldizentes e os maus. Ha homem-fermentos; levedam todos os meios em que se acham. Uns fermentam para o bem, para o progresso: é o utilizar de reservas uteis. Outros para mal; nestes a fermentação é putrida.

Se para a solidariedade nos não mover a razão, ha de mais tarde nos coagir a fatalidade.

Não vos pareça mal pensar na protecção de interesses, pois entre elles estão os ideaes da nossa profissão, a disciplina moral que ella exige.

Vivemos uma época em que as classes, desprotegidas ou não, se organizam e arregimentam para reivindicar ou defender os seus direitos. E como ficaremos nós entre ellas, senão opprimidos, senão despojados de nossas garantias, de nossos direitos, se não antepuzermos, á força que nos pretender esmagar, a pujança da energia collectiva?

Não ha fugir ao dilema: ou cuidamos seriamente dos interesses moraes e materiaes de nossa classe, para o que o “associacionismo” é o unico recurso; ou teremos de presenciar a sua desagregação e o seu desprestigio completo, vendo-a opprimida e desprezada.

Muito podereis fazer desde já em pról da boa causa, meus jovens amigos.

Inclua o Centro Academico Oswaldo Cruz, entre os seus fins o de ser uma escola de educação profissional, consoante a formula exacta de Legendre — probidade profissional e solidariedade confraternal. Se vos empenhardes nessa cruzada ha de vos amparar a nossa congregação, dando-vos prerogativas que fortaleçam a vossa bemfazeja actividade. Ireis, assim, de começo aprendendo e ensinando as vantagens da cooperação, de modo a acceita-la sem relutancia mais tarde.

UTILIDADE DO ENSINO DA DEONTOLOGIA

Não me embalam illusões sobre a efficacia do ensino doutrinario. Nunca logrará o raciocinio, limpido e perfeito que seja, vencer no cerebro do individuo a acção dos factores hereditarios e mesologicos que determinam a conducta.

A função deste curso é mais modesta; é despertar a vossa attenção para os problemas moraes, pondo em destaque seus termos precisos, analysando suas consequencias, proximas ou remotas; em resumo, collocar o estudante diante dos estorvos da vida profissional para que elle se habitue a considera-los com seriedade e se prepare para vence-los com dignidade.

Para o exito feliz de tal intento, terei de contar com a moralidade que a educação domestica e escolar incute, com a tendencia para o bem, com a repugnancia physiologica ao egoismo, com a natural inclinação da idade para a generosidade e para o altruismo.

Mostrando-vos as insidias e os perigos que vos aguardam, concorrerei por vos fortalecer no bom caminho.

Amiude diante de vós surgirão antagonicos, irreconciliaveis, collidentes, interesses do individuo e da collectividade. Para então agirdes honesta e seguramente, é mistér conhecerdes bem as causas da collisão e suas consequencias, bem como as resultantes de vossos actos num ou noutro sentido. E tal estudo ha de ser feito sob os conselhos da pressa? Quando então ha de ser, senão no vosso curso? Um exemplo. O segredo medico, uma das bellezas moraes da nossa profissão, hoje moribundo, esphacelado pela covardia, tornou-se um pandemonio de opiniões disparatadas. Como vos orientardes nos casos frequentes em que o defrontareis, se não souberdes por meudo sua origem, seus fundamentos, o valor dos interesses que protege e os que pode prejudicar?

Quantas vezes a ignorancia da lei, que não dirime a responsabilidade, pode aconselhar praticas que o direito não sanciona como melhores?

E assim em tudo mais.

ELOGIO DA MODERAÇÃO

Se maior serviço vos não prestasse, o exame de todas essas questões teria o merito de vos edificar sobre a necessidade da moderação nos vossos actos e nos vossos sentimentos, prevenindo-vos contra as ciladas do exaggero.

E' a piedade o mais bello dos sentimentos. Mas em nome della já se defendeu o homicidio, sob pretexto de euthanasia.

Quem nunca ambicionou como um fim desejavel uma velhice austera, a reflectir uma fecunda maturidade e uma mocidade generosa, que se apaga suave, serenamente, sem receios, sem remorsos e, até, sem saudade; uma existencia que foi como um clarão, fulgiu, illuminou a terra, depois diminuiu sem envilecimento, bruxoleou apenas e apagou-se.

Comtudo a hora derradeira se nos afigura povoada de soffrimentos indiziveis: saudade do que se amou na terra, da felicidade que se teve, do bem que se perdeu, temor do desconhecido, horror instinctivo pela desagregação, pelo anniquilamento.

Para suavisa-la, para envolve-la de paz e alegria a religião ensinou a recompensa no seio da bondade infinita. E a piedade do me-

dico, fertil no consolo, para alliviar, para amparar, para cercar de illusão aquellas horas tragicas, inventou o heroismo da mentira, promettendo o impossivel. Porque ahi mentir é virtude; é o enganar nobreza, e caridade o illudir. Não sei de vileza maior do que abandonar o medico o moribundo porque o não pode restituir á vida. O pretexto utilitarista de dever empregar seu prestimo no serviço de outras vidas uteis, logicamente levado ás suas ultimas consequencias, imporia o abandono dos incuraveis e, até, o seu assassinio, como o dos miseraveis, dos votados á desgraça, o infanticidio dos degenerados, a suppressão dos idiotas!

Quanta vez a medicina é só o conforto da bondade. E, com o ser isso só, é tudo, porque reparte uma parcella de felicidade no auge do soffrimento. “Não vos esqueçaes de que se a medicina não está toda na bondade, menos vale separada della”

Não obstante, ainda mais se pediu á medicina; que poupasse ao moribundo as torturas da agonia, ansia de asphyxia ou dor que dilacera, — que transformasse o momento da morte num calmo somno, a preceder, sem solução de continuidade, o derradeiro. E foi-se além. Pretendeu-se exigir della, como um dever de consciencia, o homicidio por piedade. O velho problema apaixonou muitas gerações de philosophos, moralistas, medicos, juristas e religiosos. Haveis de encontra-lo na vossa pratica em meio de afflições indescriptiveis, proposto á vossa consciencia por entre lagrimas e supplicas, por entre angustias que muitas vezes explodirão frementes na maldição e no desatino. E como decidireis? Como? Se não forem de vosso conhecimento as consequencias moraes e sociaes de vossos actos, as justificativas que poderão defende-los, o modo por que o direito e a moral contemporanea os encaram? E quando tereis vagar para a meditação de caso de tanta gravidade, senão agora?

OS HOMENS PRATICOS

Haverá bem sei, quem despreze o cogitar de taes assumptos. Poemas, discursos, nonadas! São os homens praticos, que respeito humildemente; entes felizes que têm opinião segura, mathematica, inabalavel sobre todas as coisas; e que não vêem na medicina uma profissão, mas um mistér, não a estimam como arte, mas como fonte de renda. Perdoae-os, meus amigos, como eu os perdôo, com a mesma condescendencia piedosa com que a divina misericordia lhes prometteu em verdade que delles seria o reino dos ceus.

A melhor lição que a vida nos dá é a da tolerancia. E só é tolerante quem conhece bem a sua humildade, grande virtude nos homens de sciencia.

Ruy Barbosa é o genio cujo impetò e profundez só se comparam ás grandes forças da natureza; é uma culminancia tal que se nos afigura a forma tangivel por que a gloria e a grandeza da patria se nos revelam. Poís quando lhe pediram a lição da sua vida extensa e luminosa, elle a resumiu num titulo que guardou para si, como uma condecoração: “mestre de humildade”! Sêde humildes, meus amigos!

A NECESSIDADE DE UM IDEAL

Prevejo a vossa desconfiança. Murmuraes decerto comvosco: “Prégastes o descontentamento. Entremostrastes tão feia a realidade que parece intentaes demolir o nosso estimulo”.

Como vos enganaes! A insubordinação da vida ao nosso desejo é o maior factor de nossa perfectibilidade. Os conformados não têm esperanças, nem agem. Do descontentamento nasce o ideal, a ansia de perfeição mais alta, a esperança que “feioa o futuro consoante a formula do nosso desejo” Quem não possui essa luz, esse deus interior não é digno da alegria de viver. Tenhamos a coragem de formar o nosso sonho mais puro, mais alto, mais bello, mas sobretudo a coragem de vive-lo, a energia para procurar transporta-lo á realidade. Sonhemos um futuro melhor, mas não nos quedemos em contempla-lo, porfiemos por antecipa-lo, fazendo do nosso sonho a realidade que se prolonga em um ascencional e infindo movimento de perfeição.

Quixotismo! — dirão os praticos. Deixae de lado esse rebanho lerdo dos Sanchos, para o qual o fim da existencia é a consummação da divisa de Pantagrue: “Tout pour là tripe!” Elle ha de vir após vossos passos, grunhindo, rosnando, resmoendo, reclamando, mas subjugado pelo poder soberano do ideal, que não comprehende, mas a cujo dominio não poderá fugir.

E que ideal melhor, mais nobre, mais digno, mais alto, mais util do que a defesa da nossa classe e seu aperfeioamento?

O VALOR DE UM EXEMPLO

Vieira duvidou até da efficacia da propria palavra divina, por que “as palavras entram pelos ouvidos e as obras pelos olhos e a nossa alma se rende mais pelos olhos do que pelos ouvidos”.

Como complemento do curso de deontologia medica, teria utilisima funcção o de “Historia da medicina” Sobre ensinar-vos a humildade no considerar o valor das doutrinas da nossa época, serviria de edificar o vosso espirito pela persuasão dos grandes exemplos, com o rememorar a biographia dos grandes vultos da nossa arte.

Mas não precisaremos de recorrer ao estrangeiro, nem mesmo sahir da nossa Faculdade. Para tanto ella possui um extraordinario thesouro. Na cerimonia do grau, o paranympho, Rubião Meira, evocando a varonil figura de Arnaldo Vieira de Carvalho, deu-lhe o titulo que melhor o define nesta casa: **Pae desta Faculdade**. Elle o foi no carinho, com que a amou e protegeu, no bem que em todos espargiu, no exemplo de inexcedivel probidade que nos legou. Se eu precisar de um exemplo para vos edificar, bastará que, alterando, com verdade e com justiça, a velha formula da investidura na nossa profissão, vos diga, num conselho, que deveis guardar como a melhor lição que haveis de receber de mim: — “Attendei e meditaes na vida e na obra do **Pae desta Faculdade**. Modele-se a vossa vida pela delle e os homens cobrirão de bençams o vosso nome”.

UM APPELLO

Meus caros amigos:

Ao me ouvirdes tão confiante e animado, indagareis certamente, com uma ponta de justificavel ironia, porque fio tanto desse ensino, que depende da minha fraqueza que se conhece.

Fio de mim, do meu ensino, porque confio em vós.

Anatole France poz no fecho de um dos seus livros, em que mais forte é o travo do desalento, com aquella graça, aquella simplicidade e aquella elegancia, que nos tornam amaveis até as verdades mais dolorosas, esse admiravel conceito: “As verdades que a intelligencia descobre permanecem estereis. Só o coração é capaz de fecundar seus sonhos. Sómente elle derrama vida em tudo o que ama”.

E vós, acima de tudo, sois o coração. divina mocidade!

Seja vosso guia o ideal de nosso aperfeiçoamento. E a vida conceder-vos-á a felicidade sem limites de realizardes, em sua plenitude, aquellas soberbas, justas e fortes palavras de Nietsche: — “Que o vosso amor pela vida seja o amor de vossa mais alta esperanza e que a vossa mais alta esperanza seja o mais alto pensamento da vida”

Algumas considerações sobre a infecção tuberculosa

Conferencia realizada no Instituto de Hygiene da Faculdade
de Medicina de São Paulo em 11 de Março de 1921

PELO DR. A. FONTES

Permitti que, me aproveitando do convite que por parte do Instituto de Hygiene, gentilmente me fez meu prezado amigo, o Sr. Prof. GERALDO DE PAULA SOUZA, abuse de vossa condescendencia, repetindo aqui o que ha longos annos vem a experiencia me ensinando no estudo da infecção tuberculosa.

Nesse estudo devemos orientar as investigações para o conhecimento exacto não só do elemento invasor como do organismo parasitado.

Não basta que o microbiologista conheça e determine as condições de vida da causa etiologica, em seu desenvolvimento cultural, pelo reconhecimento nas lesões, mas necessario se torna que o biologista o acompanhe na evolução da infecção, investigando as alterações determinadas nos tecidos, as modificações physico-chimicas dos humores, as perturbações funcionaes dos systemas, e as reacções somaticas ou individuaes que constituem as armas de defeza organica, muitas vezes bem succedida com a eliminação do fóco infectuoso ou com o seu enkystamento.

A infecção tuberculosa deve, meus senhores, ser considerada originariamente uma doença cellular. A penetração do bacillo de KOCH no organismo determina como phase primordial das reacções de defeza, a phagocytose do germen.

São os phagocytos, guarda avançada da defeza organica, que se incumbem de oppor a primeira barreira á infecção. Dentre estes são as cellulas polynucleadas as que primeiro accodem, e então, englobando os elementos infectuosos, limitam até certo ponto o seu poder invasor.

Em breve, porem, a cellula phagocytaria fica preza da infecção. Os bacillos parasitam-n'a, transformando-a em meio propicio á sua proliferação, mercê da constituição chimica especial que os caracteriza e das armas offensivas de que dispõem, sufficientes para determinarem a morte da cellula parasitada, pela degeneração do seu substracto, e a consequente disseminação na corrente lymphatica ou sanguinea da primeira colonia desenvolvida "in vivo".

Vê-se, pois, meus senhores, que no estudo da infecção tuberculosa se impõe o conhecimento aprofundado e exacto da morphologia e da biologia do elemento infectuoso, para que melhor se possam comprehender as reacções de defeza e para que com mais efficiencia se pos-

sam investigar as causas da cura espontanea, os agentes therapeuticos, physicos, chimicos ou biologicos, que a ella conduzam com mais segurança.

Tive, meus senhores, oportunidade de, em 1911, estudando a cytologia do bacillo de Koch, chegar a conclusões bastante interessantes e que se afastam do modo classico de conceber a morphologia do parasita em questão.

O bacillo da tuberculose se caracteriza dentre o commum das bacterias por propriedades especiaes, intimamente ligadas á sua constituição chimica e ainda derivante della, á sua constituição morphologica. Por inspecção microscopica, facilmente verificaveis, se apresentam como pequenos bastonetes de constituição granulosa, que, por exame a fresco, sem coloração, em virtude da diversa refringencia de suas partes constituintes, deixam perceber sua estrutura diferenciada. Si ao preparado fresco se addiciona uma gotta de solução de azul de methyleno, observa-se facilmente, que, em grande maioria, os corpos bacillares se conservam incolores, emquanto que em seu interior se apresentam granulações coradas em azul, variáveis em numero e em volume.

Nem todos os bacillos, entretanto, se conservam incolores; muitos tomam tambem o corante, e a razão de ser disso resulta da facil permeabilidade de uns e da impermeabilidade de outros, á custa de substancias especiaes, por elles formadas e que se sedimentam sobre o substrato material do germen, conferindo-lhe um revestimento a modo de carapaça.

Essas substancias especiaes são constituídas por cêras, alcooes superiores, acidos graxos e gorduras neutras, phosphatides diversos, substancias todas conhecidas pela denominação generica de lipoides e que papel extremamente importante exercem não só na caracterização do germen como na evolução da infecção.

E assim que, em virtude dessa constituição chimica e morphologica especiaes deixam-se os bacillos de Koch caracterizar por methodos de coloração diferenciaes, de sorte a ser o seu reconhecimento facilitado entre o commum das bacterias, permittindo a elle, assim como ao numeroso grupo de outros germens que por esses caracteres lhes são affins, a constituição de uma grande classe, conhecida pelo nome de ácido-resistentes.

Enquadram-se nessa classe todos os germens que apresentam a propriedade de, quando tingidos pelas cores de anilina, conservarem-se corados após a acção descorante dos acidos diluidos. E essa propriedade lhes é, em geral, e, em particular ao bacillo de Koch, conferida pela constituição chimica, pelos diversos lipoides integrados nos corpos bacillares.

O estudo das granulações póde com vantagem ser proseguido por

meio de preparados corados. Tomam intensamente o Garm, e são coráveis pelos methodos de Giemsa, Rosenbusch, Delafield e Heidenhain.

Desses methodos, além daquelle, que apresentei em 1909 e que nada mais é que o methodo de Ziehl, combinado ao de Gram, os de Delafield e Heidenhain são os que dão melhor resultado.

Praticando esses methodos, pude, em 1911 verificar que a granulação exerce na vida do bacillo da tuberculose funcção essencial, comparavel áquella que é exercida pelo conidio nos cogumelos.

Acompanhando o desenvolvimento de culturas homogeneas, verificando a proliferação de culturas commus em caldo ou mesmo em meios solidos, pesquisando em productos pathologicos, como escarros ou puz de natureza tuberculosa, verifiquei sempre que as granulações, por processo analogo á gemmulação, dão origem a outras granulações, que, por sua vez, se tornam centros de reproducção.

E' de prever que o phenomeno assim se passe, pois que vemol-as ligadas entre si por delgados filamentos, constituindo grumos, não apresentando em inicio de cultura ainda o caracter de acido-resistencia, e conservando um notavel parallelismo nos corpos bacillares, facilmente reconhecivel, após a sedimentação dos constituintes lipoides, que por seu peso determinam uma clivagem, permittindo a separação dos bacillos nos grumos, consequente á ruptura dos filamentos unitivos. Por esse processo se faz, pois, a divisão da "colonia de granulações" em um ou outro sentido, de accordo com o plano de ruptura, permittindo a constituição de "bastonetes" em cujo interior as granulações guardam sensivel correspondencia.

Observam-se mesmo granulações isoladas, dando origem a outras que, mais tarde constituindo novos grumos, formarão novos bastonetes.

Assim pois como agente da infecção tuberculosa deve ser considerado o "virus granular", sendo a forma de bastonete, forma secundaria da sua evolução, termo superior no seu desenvolvimento.

A demonstração reciproca nos é dada, quando estudamos a reacção de defeza, opposta pelo organismo invadido, com a constituição da forma granular, reconhecivel facilmente no puz de natureza tuberculosa.

O phagogyto inicialmente parasitadô morre por não poder oppor barreira á acção toxica dos productos elaborados pelo virus; a a carapaça, que a este envolve, protege-o efficazmente da acção vulnerante dos principios cellulares, que a elle se possam oppor.

E' a reacção secundaria, determinada pela barreira lymphocytaria, que, intervindo com a producção de fermentos especiaes lipolyticos, consegue a destruição dessa carapaça, e, ainda que insufficientemente, torna o inimigo algum tanto vulneravel.

O estudo do puz de natureza tuberculosa mostra a existencia nelle de um fermento de origem lymphocytaria, reconhecido por mim, por BERGEL e por FIESSINGER, e por PIERRE MARIE, capaz de transformar não só "in vivo" como "in vitro" a forma bacillar acido-resistente em forma granular que MUCH descreveu contemporaneamente com minhas observações. Pelo estudo, a que em tempo procedi, desse fermento fui levado á convicção da sua acção estritamente lipolytica, sendo completamente inactivo sobre a forma granular, que persiste e que permanece como causa infectante. A carencia de fermentos proteolyticos, ligada á ausencia dos polynucleares, que, no curso da reacção de defeza, foram substituidos pelos lymphocytos. razão porque esses fermentos não existem no puz de natureza tuberculosa, explica a permanencia do virus, que só pela inversão da formula leucocytaria seria attingivel, como experimentalmente se observa pela applicação de diversos agentes modificadores, taes o iodo, a aleurona, os levedos, substancias estas eminentemente excitadoras da funcção microphagica.

Vemos pois que as reacções de defeza iniciaes cellulares fallecem em virtude da constituição chimica e estructural do virus, não só pelos venenos necrosantes, que o acompanham, como as constatações de AUCLAIR e PARIS deixaram bem patente, assim ainda pelas substancias não reabsorviveis, constituintes do seu pseudo-envolucro.

Além disso, produz o virus em estudo venenos diffusiveis que se manifestam pela acção a distancia, influenciando os diversos systemas da economia, e desses principalmente o systema nervoso, base do dynamismo da vida.

A mistura por demais complexa desses venenos constitue, meus senhores, quando produzida no caldo artificial de cultura, aquillo a que se dá o nome de tuberculina.

E' pois a tuberculina o resultado do metabolismo de uma cultura de tuberculose em caldo glicerinado, e age esse producto não só pelos principios elaborados pelos germens, diffusiveis e adherentes aos corpos microbianos, como ainda por aquelles que resultam da complexa alteração do meio nutritivo, pela degradação dos principios albuminoides aos termos finaes de acidos aminados.

Manifestam esses venenos, entretanto, diversamente sua acção sobre o organismo hygido ou infectado por tuberculose. No primeiro caso a acção toxica é diminuta: as forças defensivas organicas se oppõem de tal sorte ao seu effeito malefico que em breve prazo a economia delles se liberta, sem mesmo nada accusar que indique alteração da saúde. No segundo caso, porém, os factos se passam diversamente.

Reacções intensas se manifestam e algumas vezes de tal modo violentas que causam a morte do animal infectado.

Reconhece-se, pois, no organismo tuberculizado hypersensibilidade aos toxicos, elaborados pelo agente infectuoso, e, sendo esse phenomeno estudado cuidadosamente, até certo ponto pôde se proceder á dissociação dás reacções decorrentes dessa hypersensibilidade, o que permite um conhecimento mais exacto da physio-pathologia da tuberculose.

Um bom methodo de analyse da funcção toxica e hypersensibilizante das tuberculinas é o que pôde ser praticado pela inoculação de uma solução diluida desse toxico na pelle ou mucosa dos individuos tuberculosos.

Reconhecer-se-á então, que os elementos cellulares são influenciados por esse agente, pois que no ponto da inoculação constatar-se-á primordialmente um affluxo de polynucleares, seguido de lymphocytose. A reacção cellular é acompanhada de vaso-dilatação dos capilares, o que dá ao ponto de inoculação o aspecto da reacção inflammatoria local.

Forma-se com a exudação lymphatica uma vesicula ou uma pequena papula, circumdada pela reacção inflammatoria.

Não são somente as cellulas que receberam o contacto directo dos venenos tuberculinicos as que se mostram sensiveis a elles. As cellulas do sangue, cuja crase morphologica é profundamente alterada, e principalmente as cellulas nervosas reagem nitidamente á solicitação tuberculinica.

Essas ultimas manifestam mesmo uma acção fixadora notavel sobre esses venenos. A substancia nervosa cerebral, posta em contacto com a tuberculina, fixa-a de tal sorte que mesmo apóz lavagens successivas para a retirada dos principios toxicos, quando inoculada em animaes tuberculizados, permite que a reacção da hypersensibilidade se manifeste. Algumas vezes esta reacção é mais intensa do que quando praticada com o uso da tuberculina isoladamente, phenomeno que está intimamente ligado á constituição chimica do elemento nervoso, muito rico em substancias lipoides que nesse caso agem como fermentos activadores dos processos enzymaticos.

Da acção exercida pelas tuberculinas sobre as cellulas deriva naturalmente sua influencia sobre os systemas e, concomitantemente, sobre as reacções de defeza somaticas.

Os systemas vasculares lymphatico e sanguineo, e o systema nervoso são os que mais facilmente deixam perceber essa influencia. As modificações da formula leucocytaria, a leucopenia, a migração leucocytaria para os focos da infecção, os phenomenos congestivos, manifestados nos territorios vascularizados em gráu proporcional a

essa vascularisação, os phenomenos hyperou hypotensivos, a hyperou hypothermia, e até as psychoses, mostram todos esses factos morbidos profunda alteração no synchronismo funccional, estritamente dependentes da intoxicação do elemento nervoso.

Desses factos, derivam, entretanto, meus senhores, as reacções de defeza. Quer cellulares qurr humoraes, são hoje em dia essas reacções reconhecidas por todos os que se dedicam a esses estudos.

Tive já oportunidade de referir que, em meu modo de ver, o fermento lipolytico lymphocytario é o principal agente responsavel pela transformação da forma bacillar em forma granular.

Ainda que não se possam referir de modo absolutamente certo determinadas reacções a determinados venenos bacillares, a experimentação e a clinica mostram relações notaveis entre os dois termos da equação pathologica.

Parece fóra de duvida ser a reacção lymphocytaria, com a libertação do fermento lipolytico, arma de defeza poderosa contra as gorduras neutras e cêras do bacillo de Koch.

A experimentação, a que em tempo procedi em cobayas, demonstrou a possibilidade de se modificar a evolução da infecção experimental nesses animaes ,quando são tratados com extractos glycerinados dos ganglios tuberculizados caseosos de boi, ricos em fermento lipolytico.

Observa-se nos animaes em experiencia a activação dos processos de defeza, com a eliminação dos ganglios tuberculizados, que rapidamente se transformavam em púz, com a libertação desse púz, pela ruptura dos abscessos formados, e, o que é ainda notavel, com a rapida cicatrização das ulcerações resultantes, sem que se constituissem fistulas, como é a regra nessa infecção.

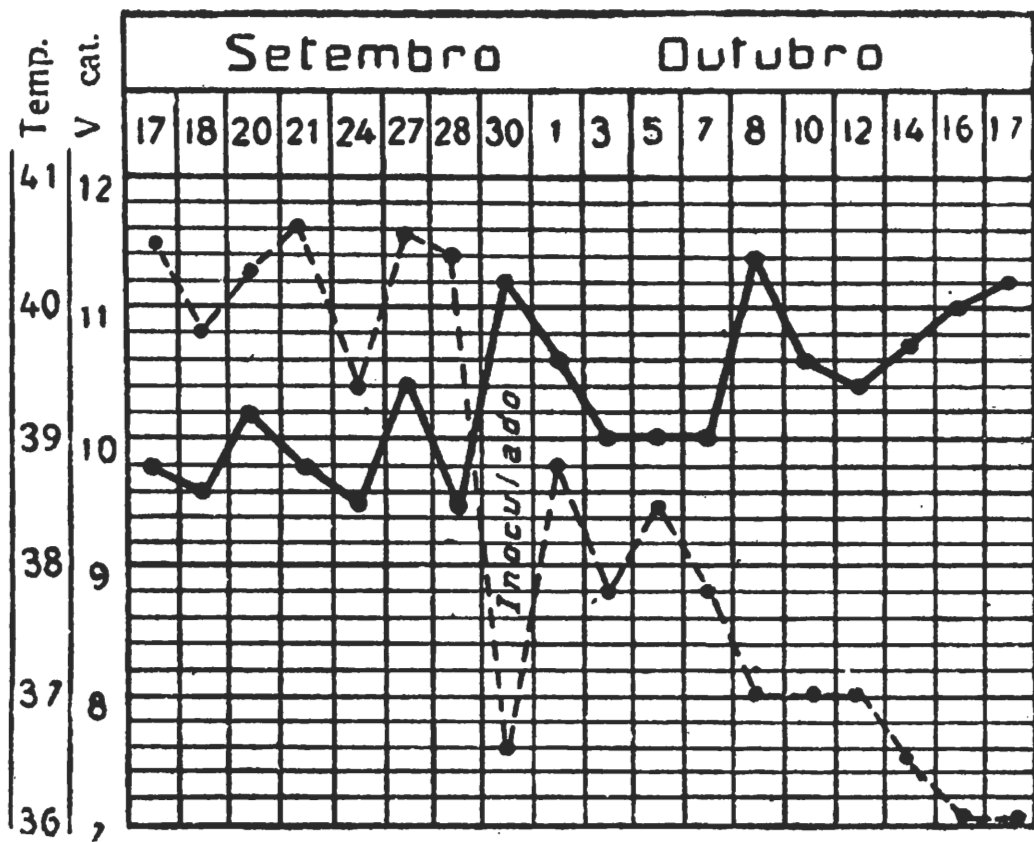
O typo clinico da infecção se modificava tambem, apresentando os animaes em experiencia, tuberculides generalizadas, indice de uma attenuação do virus.

Infelizmente, essa attenuação não se mostrou sufficiente para evitar a morte dos animaes, que succumbiram em prazos mais longos que as testemunhas, mas, que, pela necropsia, revelam a generalização da infecção. Facto interessante observei tambem, encontrando difficilmente bacillos acido-alcool-resistentes nas lesões examinadas, onde abundava o virus sob a forma granular.

Outros venenos, entretanto, que acompanham o bacillo, actuam directamente sobre os fermentos oxydantes, que são a base da respiração cellular.

A verificação que eu e PINTO fizemos na infecção experimental do coelho nos mostrou a constante diminuição do valor catalasico do sangue.

A baixa mais accentuada se manifestava após a injeção do virus, e nos dois dias que se lhe seguiam, e depois se mantinha esse valor, decrescendo dia a dia até a morte do animal, ou se se elevava um pouco, não attingia nunca mais as proximidades do valor inicial. Era notavel e constante a discordancia, existente sempre no inicio da relação do animal á infecção, entre a curva thermica e a curva do valor catalasico. (Vide a curva abaixo)



No homem, um dos meus discipulos, LOURENÇO DE ANDRADE, verificou que na infecção pulmonar, quando o valor catalasico do sangue se acha augmentado, coincide esse augmento com uma formula hemoleucocytaria de prognostico favoravel.

Mantendo-se esse valor sem alteração sensivel no inicio da infecção tuberculosa e sem que haja nenhuma relação entre o valor catalasico e a curva thermica, baixa elle nos periodos finaes da infecção. O exame hematologico dos doentes em estudo mostrou que:

- a) o augmento do valor catalasico do sangue acompanha o numero de hematias;
- b) não ha relação constante entre o augmento das hematias e o augmento do valor catalasico do sangue no mesmo individuo;
- c) não existe relação entre o valor catalasico e o numero de leucocytos;
- d) as variações dos leucocytos, expressas nas formulas hemoleu-

cocytarias, não acompanham regularmente as variações do poder catalasico do sangue.

A despeito das profundas alterações do metabolismo organico, determinadas pela intoxicação tuberculínica, o organismo tuberculizado reage, mobilizando suas forças defensivas, permitindo que a tuberculina, nelle inoculada repetidamente em doses progressivamente crescentes, possa produzir um estado de immuidade "relativa" que se traduz pela existencia no sôro desses animaes de substancias que se oppõem á sua acção hypersensibilizante.

Poderiam, pois, as reacções da defeza á intoxicação tuberculínica ser aproveitadas com objectivo therapeutico, sem inconveniencia maior, se os phenomenos de hypersensibilidade não se manifestassem ás mais das vezes de tal sorte violentas que pudessem chegar a pôr em risco a vida dos organismos infectados. Esses phenomenos, que ha uma dezena de annos vêm sendo estudados por grande numero de biologistas, ainda hoje se mostram obscuros em sua essencia, não tendo a sciencia encontrado para elles explicação cabal.

A que é devida a reacção especifica tuberculínica ?

WHITE e AVERY attribuem-n'a a uma toxi-proteina bacillar, com que determinam phenomenos de anaphylaxia em cobayas. WHITE nega mesmo qualquer funcção hypersensibilizante aos lipoides. THIELE e EMBLETON obteem, entretanto, a formação de anticorpos pela inoculação de phosphatides extrahidos dos bacillos da tuberculose, isentos de albuminoides, á prova de reacção da ninhydrina. Pensam ainda esses mesmos autores que os phosphatides bacillares podem tornar cobayas hypersensíveis não só a elles proprios como ainda ás proteínas do bacillo, determinando phenomenos de anaphylaxia identicos aos obtidos com a proteina bacillar. A previa sensibilisação desses organismos pela proteina bacillar permite que a inoculação posterior do phosphatide os possa ainda reproduzir. LESCHKE e MUCH interpretam os phenomenos de hypersensibilidade de modo diverso, acreditando que as reacções, determinadas pela tuberculina, não sejam uniformes e que dependam das diversas substancias que a compõem. Não só as substancias albuminoides, como as de natureza graxa, as toxinas, dissolvidas como as volateis, podem provocar uma reacção de hypersensibilidade.

De modo analogo pensa DEYCKE, que reconhece acções especificas diversas aos productos que obteve pela dissolução dos bacillos em acido lactico e que funcionam como antigenos parciaes.

Em meu modo de ver, e de acordo com o que a experiencia me tem ensinado, na infecção tuberculosa se manifesta um estado especial de hypersensibilidade aos venenos do virus que "não é identico" aos estados conhecidos em biologia pela designação de anaphylacticos.

Acredito que esse estado de hypersensibilidade seja a expressão de uma modalidade reaccionaria, especial á cellula sensibilizada, que reage individualmente e de modo autonomo.

Tive, em 1917, occasião de publicar uma observação, que me autorizou a pensar desse modo.

Tratava-se de um doente com uma lesão tuberculosa ocular, cujo diagnostico clinico fôra confirmado por uma cuti-reacção positiva. Após ter cessado o periodo reaccionario, foi instituido o tratamento tuberculínico, em cujo decurso se manifestou intensa reacção, traduzida por uma psoriasis do antebraço, onde “dous mezes antes” havia sido praticada a reacção diagnostica e pela revivescencia da reacção especifica. Da intensidade da reacção havida a seguinte gravura dá poderoso testemunho.

Assim, o organismo tuberculoso, não obstante ser localizada a infecção, reagiu primeiramente pela “cuti-reacção”; a tuberculinição do paciente determinou uma hypersensibilidade das cellulas que anteriormente haviam reagido, e cuja reacção cessara dous mezes antes, permittindo uma reactivação da reacção de v. PIRQUET, que se mostrou então mais intensa que da primeira vez, e o apparecimento de uma lesão nova (psoriasis).

A differença reaccionaria nesse antebraço por elementos cellulares da mesma natureza, solicitados pelo mesmo principio toxico, não encontra explicação facil e mostra que **cellulas do mesmo tecido, no mesmo individuo, solicitadas pelo mesmo toxico, podem agir de modo autonomo, individualmente e diversamente.**

Não obstante, meus senhores, as reacções de hypersensibilidade, que sobremodo agravam a infecção tuberculosa, reconhecem todos os experimentadores a existencia de um estado de immuidade natural ou adquirida, facilmente demonstravel pela experimentação e pela clinica, e que nos organismos já tuberculizados pôde ser obtido pela pratica de immunisação antituberculínica.

A experimentação nos ensina que o organismo hygido ou tuberculizado reage diversamente a uma inoculação do virus, quando feita sob a pelle. Nos animaes refractarios, se se faz uma inoculação do virus tuberculoso sob a pelle, verifica-se que os bacillos englobados pelos macrophagos no ponto da inoculação, geralmente não se multiplicam e, ahi aprisionados, acabam por perder a sua virulencia, sem determinarem alteração na saúde do animal experimentado. E' a demonstração da immuidade natural ao virus tuberculoso.

Nos animaes sensiveis os factos se passam de modo diverso. Se em uma cobaya sã se inocula sob a pelle uma emulsão de bacillos de tuberculose, se estabelece logo uma pequena reacção inflammatoria local,

que entre a primeira e a segunda semana se indura. Após esse periodo, o ponto de inoculação se abceda, a pelle se rompe, dando escoamento ao puz formado, e a ulcera, assim produzida, de accordo com a virulencia do germen, tarda a cicatrizar ou permanece aberta, como é a regra, até a morte do animal, por generalisação da infecção. A esta ulcera dá-se o nome de cancro tuberculoso.

De modo diverso se passam os factos, quando a infecção é produzida em um animal já tuberculizado. Nestes não mais se forma o abcesso no ponto da inoculação. A pelle ao redor delle apresenta uma coloração violacea, mais ou menos carregada, torna-se negra, e ao cabo de uma dezena de dias a ulceração estabelecida pela necrose da pelle cicatriza de modo definitivo, sem que tenha havido repercussão inflammatoria dos ganglios das regiões circumvizinhas. E' este o phenomeno de Koch, base de toda a experimentação na immunisação anti-tuberculosa. As verificações de grande numero de experimentadores estabeleceram que **as tuberculosas de reinfeção tomam sempre uma marcha chronica**, e entre aquelles BENZAÇON e SERBONNES mostraram que na cobaya as reinfeções precoces, praticadas entre o 1.º e o 15.º dia após a primeira infecção, determinam abcessos. Somente após a primeira quinzena é que o phenomeno de Koch se manifesta com certa nitidez.

A observação clinica acha-se de accordo com os factos experimentaes. A lei de MARFAN, enunciada em 1886 e que diz que não se constata quasi nunca tuberculose pulmonar, ou pelo menos, tuberculose pulmonar evidente e em evolução, em individuos que na infancia soffreram de escrofulas (adenite tuberculosa suppurada do pescoço) e que curaram completamente antes dos 15 annos de idade, tendo sido obtida esta cura antes que qualquer outro fóco de tuberculose tenha se manifestado, encontra a sancção da observação clinica e da experiencia, desde que se lhe restringja até certo ponto a interpretação, reconhecendo como verdade que o organismo já tuberculizado **reaje ás superinfeções, eliminando mais rapidamente os focos onde ellas se acham localizadas em virtude da crescente hypersensibilidade.**

Por outro, lado, meus senhores, a verificação da existencia de anticorpos em liberdade nos organismos tuberculizados, produzidos em virtude da immunização tuberculínica, tem sido observada pela grande maioria dos Autores.

“A tuberculina póde determinar por inoculações repetidas em animaes sensiveis, sãos ou tuberculosos, um estado de immunidade **relativa**, que se traduz pela existencia no sôro desses animaes, de substancias que se oppõem á sua funcção hypersensibilizante”

A maior difficuldade na pratica da therapeutica immunizante

resulta da intensidade das reacções, obtidas, que, não raras vezes, prejudicam o doente, levando a descredito o tratamento especifico.

As verificações iniciaes de WASSERMANN e TAKAKI, com a toxina tetanica e emulsão de cerebro e medulla, abriram novos horizontes nessa via de investigação, mostrando a possibilidade de neutralização das toxinas pelos lipoides, permittindo a formação de um complexo atoxico.

Os estudos posteriores de BEYER, CALMETTE, LEMOINE e GERAD ISCOVESCO, PRIBRAM e RAUBISTCHECK permittem concluir que os lipoides biliáres neutralizam a tuberculina a ponto de impedir os phenomenos de oculo-ou de cuti-reacção nos organismos tuberculizados.

Retomando esses estudos, tive, meus senhores, oportunidade de chegar ás mesmas conclusões que os autores acima citados e verificar ainda por experimentação em individuos tuberculosos que: “a tuberculina tratada em determinadas condições pela lecithina e pela cholesterina, pelos lipoides da bile e pelos lipoides e outros principios mal definidos do oleo de figado de bacalhau se mostra com suas propriedades hypersensibilizantes attenuadas e **póde ser empregada em serie therapeutica, sem receio de phenomenos reaccionaes prejudiciaes, conservando, entretanto, propriedades immunisantes e curativas**”.

Como poderemos explicar a acção attenuadora dos lipoides sobre as toxinas, e, no caso particular de que nos occupamos, sobre a tuberculina ?

Como deixei atraz enunciado, para mim é facto fóra de duvida que a reacção hypersensibilizante é uma reacção originariamente **cellular, autonoma** e individual. Torna-se pois necessario que o toxico penetre na intimidade da cellula para que a reacção se produza e é ahí em seu interior que as reacções de defeza primordiaes devem se passar para que haja destruição do veneno e consequentemente fique a cellula illesa.

Ora, sabemos hoje em dia, o papel preponderante que cabe aos lipoides na regularização dos actos vitaes. Todos os biologistas reconhecem as correlações intimas entre esses corpos e os fermentos cellulares, activando-os ou impedindo-os em acção synergica. Assim, pois, os lipoides biliares e do oleo de figado de bacalhau manifestam, quando ligados aos principios hypersensibilizantes da tuberculina, a propriedade de permittir-lhes uma absorpção lenta e gradual pelo elemento cellular sensível, e agindo como activadores dos processos enzymaticos intracellulares, favorecem uma elaboração digestiva mais perfeita, e, consequentemente, uma melhor producção de anticorpos.

Dahi, meus senhores, o poder se considerar a tuberculina excelente arma para a therapeutica e para a prophylaxia da infecção

tuberculosa; e, se acaso o seu uso não se tem generalizado nesses objectivos é que o preconceito, creado pelos insucessos das applicações dos primeiros annos, permanece ainda arraigado no pensar dos clinicos, que a não experimentam, a isso levados exclusivamente pela repetição dos livros ou pelos resultados falhos de observações mal conduzidas.

Posso vos asseverar, meus senhores, que as propriedades, impedições ás reacções hypersensibilizantes, reconhecidas aos lipoides da bile e do oleo de figado de bacalháo, assim como a outros principios mal definidos existentes nesse oleo, permitem obter uma tuberculina que póde ser empregada em serie therapeutica, sem determinar reacções prejudiciaes, desde que se observem as regras communs de immunização, tuberculina que conserva em alto gráo seu valor immunizante e therapeutico.

A minha observação clinica e a de varios collegas autorizam-me a assim pensar.

A tuberculina deste modo preparada tem sido largamente empregada nas mais variadas formas clinicas da infecção com os resultados que passo a referir:

- a) tuberculose pulmonar incipiente febril: cura verificada após 2 annos (Obs. do Snr. Dr. E. TORNAGHI);
- b) tuberculose pulmonar apyretica com eliminação de bacillos: cura que se mantinha 6 mezes depois (Obs. do sr. Dr. SALGADO LIMA);
- c) tuberculose pulmonar febril com eliminação de bacillos: cura observada dous annos e meio após a terminação do tratamento (Obs. do Sr. Dr. BASTOS D'AVILA);
- d) tuberculose pulmonar, congestiva, febril, com eliminação de bacillos e evolução sub-aguda: cura verificada 2 annos depois de terminado o tratamento (Obs. do Sr. Dr. CARDOSO FONTE);
- e) tuberculose pulmonar; fórma congestiva, hypertensiva, sem eliminação de bacillos: cura verificada 1 anno após (Obs. do sr. Dr. SALGADO LIMA);
- f) tuberculose chronica febril, lesões bi-lateraes extensas: obito por grippe intercurrente, 1 anno após o inicio do tratamento, tendo sido conseguida a apyrexia, o augmento de peso e melhora do estado geral (Obs. do sr. Dr. BASTOS D'AVILA);
- g) tuberculose ganglionar fistulizada: cura constatada 6 mezes depois (Obs. do sr. Dr. CAMILLO DA FONSECA);
- h) lesão tuberculosa ocular e concomittante infecção pulmonar: cura comprovada 6 mezes depois (Obs. do sr. Dr. MARIO GOES);
- i) pharyngo-laryngite tuberculosa e tuberculose pulmonar: cura

comprovada 6 mezes depois (Obs. dos srs. drs. LEAL NETTO e SALGADO LIMA);

j) psoriasis e tuberculose pulmonar: cura da psoriasis e grande melhora do estado pulmonar (Obs. do sr. Dr. SILVA ARAUJO);

k) tuberculose renal e cystite tuberculosa: grande melhora comprovada 1 anno depois de terminada a 1.ª etapa do tratamento (Obs. do Autor e do sr. Dr. JORGE DE GOUVÊA);

l) lupus erythematoso: cura do paciente (Obs. do sr. Dr. SILVA ARAUJO);

m) infecção tuberculosa latente — Purpura: cura antes de terminada a serie therapeutica (Obs. do sr. Dr. SILVA ARAUJO);

n) conjuntivite phlyctenular da 1.ª infancia: cura que se verificou antes de terminada a serie therapeutica (Clinica dos srs. Drs. FERNANDES FIGUEIRA e ARISTEU DE ANDRADE).

Permitti, meus senhores, que em pormenor eu vos demonstre a innocuidade desse agente therapeutico que resalta da seguinte observação:

Tuberculose pulmonar congestiva, febril, com eliminação de bacillos e evolução sub-aguda.

Clinica do DR. CARDOZO FONTE

Obs. n.º 4. — Senhorita M. X. B., de 17 annos de idade. Peso 38 kilos e 100 grammas, doente desde abril de 1918. Inicio do tratamento em agosto de 1918.

1.ª quinzena de agosto: Temperaturas que oscillavam entre 36.º e 42.º,2 muita tosse, escarros sanguineos e suores noturnos.

2.ª quinzena de agosto: A doente sujeita ao repouzo absoluto em leite e ao tratamento clinico adequado, manteve-se com temperaturas que oscillavam entre 35,5 e 39º,5, até 24 de agosto dia em que lhe foi feita a injeccão da primeira dose de T. O. B2. A esta dose a doente reagiu, 5 dias depois, com a temperatura de 39c,5, isto é, 1 grau e 5 decimos acima da maxima constatada no dia da injeccão. Os escarros sanguineos, a tosse e os suores continuaram.

1.ª quinzena de setembro: No dia 3, foi-lhe feita applicação repetida da 1.ª dose; não houve reacção thermica, antes a temperatura caiu lentamente com oscillações de 35º,3 a 38º, 37º,5, 37º,7, 37º,5. Continuava a tosse muito forte com abundante expectoração, escarros sanguineos e suores profusos. No dia 11 de setembro foi-lhe feita a injeccão da 2.ª dose. T. O. B2. A doente reagiu com uma pequena elevação de temperatura, cuja maxima attingiu, no dia 13, a 38º,7; os

escarros sanguineos continuaram do mesmo modo que a tosse e os suores noturnos.

2.^a quinzena de setembro: Applicaçãõ da 3.^a dose de T. O. B2. Não houve reacçãõ thèrmica. Os escarros sanguineos a tosse e os suores continuaram.

Dia 27 de setembro. Injecçãõ da IV dose de T. O. B2. Sem reacçãõ, o typo febril tende a normalizar-se. Maximas de 38°. Minimas de 35°.4. Escarros sanguineos, tosse e suores.

1.^a quinzena de outubro: — Dia 4. Applicaçãõ da V dose de T. O. B2. sem reacçãõ thèrmica notavel. Tosse, escarros hemoptoicos e suores.

Dia 13. Injecçãõ da VI dose de T. O. B2. Sem reacçãõ. Os escarros teudem a diminuir.

2.^a quinzena de outubro: — Dia 21. Injecçãõ da VII dose de T. O. B2. Obtem-se o primeiro periodo de apyrexia apòs 7 mezes de molestia. Poucos escarros. A tosse e os suores continuam.

Dia 30. Applicaçãõ da VIII dose de T. O. B2. Reacçãõ thèrmica que attinge a 38°,2 e que dura até ao dia 4 de novembro. Escarros hemoptoicos abundantes. A tosse continua intensa; suores em declinio.

1.^a quinzena de novembro: — Dia 11. Repetiçãõ da VIII dose de T. O. B2. Diminue a tosse; poucos escarros, suores quasi desaparecidos. Sem reacçãõ thèrmica.

2.^a quinzena de novembro: Dia 19. Applicaçãõ da IX dose de T. O. B2. Não houve reacçãõ thèrmica. Estabelece-se a apyrexia. Maximas de 37°, minimas de 35°,8. Tosse diminuida. Poucos escarros. Suores quasi desaparecidos.

Dia 27. Injecçãõ da X dose de T. O. B2. Sem reacçãõ.

1.^a quinzena de dezembro: — Dia 5. Injecçãõ da XI dose de T. O. B2. Reacçãõ thèrmica de 0°,5. Sem escarros. Sem suores e quasi sem tosse. Pequena reacçãõ local.

2.^a quinzena de dezembro.

Dia 17. Injecçãõ de $\frac{2}{3}$ da XI dose de T. O. B2. Sem tosse, sem escarros e sem suores. A doente continúa apyretica.

Dia 25. Repetiçãõ de $\frac{2}{3}$ da XI, dose de T. O. B2. Sem febre, sem tosse, sem escarros e sem suores.

Do caso clinico em questãõ, pode-se ter noçãõ exacta, pela seguinte carta, em que o DR. CARDOZO FONTE sobre elle se pronuncia:

“Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1919.

Prezado collega Sr. Dr. ANTONIO CARDOZO FONTES.

Apresentando os mais respeitosos cumprimentos, envio-lhe uma nota succinta a respeito da doente de que ha poucos dias falamos.

Pulmão direito: anteriormente no lobo superior e parte do medio, submaciszez, exaggero das vibrações vocaes, sopro, estertores sibilantes e subcrepitantes medios e finos e, dahi para baixo, murmurio vesicular aspero; posteriormente, no lobo superior, estertores subcrepitantes medios e finos, submaciszez e sopro.

Pulmão esquerdo, anteriormente no lobo superior, submaciszez com estertores subcrepitantes finos; posteriormente respiração aspera no lobo superior.

Tosse constante, expectoração muco-purulenta e muito frequentemente sanguinea. Temperatura elevada e pulso frequente, conforme as notas fornecidas. Suores nocturnos. Todos esses symptomas se mantiveram sem modificação sensivel durante os mezes de agosto a setembro, tendo eu deixado de prestar serviços a doente em principio de outubro, por motivo de molestia.

Pelo distincto collega, que me substituiu (1) fui informado de que em fins de outubro os symptomas referidos começaram a se modificar favoravelmente, dahi por diante essas melhoras se foram accentuando francamente, de modo que, quando, em 25 de dezembro, examinei a doente, verifiquei ausencia de estertores, da submaciszez e do sopro, havendo apenas respiração aspera nos pontos mencionados; desaparecimento da tosse, dos escarros e dos suores nocturnos; temperatura e pulso normaes; bom apetite, augmento de peso; estado geral bastante satisfactorio.

São estas as informações que, em resumo, lhe posso fornecer, ficando ao dispor do distincto collega e subscrevendo-me com o mais elevado apreço.

Collega am.' cr.' e obr.'
(Assignado) CARDOZO FONTE"

Pelo que se leu, eram em dezembro de 1919. magnificas as condições da doente, que desde maio do referido anno havia sido aconselhada pelo eminente clinico, PROF. ROCHA FARIA, a fazer uso do tratamento especifico, conforme a carta que se segue, e que só me foi entregue dois mezes depois:

"Prezado collega Sr. Dr. A. FONTES.

Saudações.

A doente, portadora desta, veiu ao meu consultorio ha poucos dias; padece de phymatose de evolução sub-aguda e parece-me em condições ainda regulares para colher do tratamento especifico bom proveito.

Ha accessos febris diarios e o maximo thermico oscilla nelles entre 38°,5 e 39°.

(1) Dr. Sebastião das Neves. (Nota do A. do artigo).

Recommendo-a á sua habitual attenção e conto ve-la em accentuadas melhoras com o seu tratamento convenientemente applicado.

Do am.' collega e adm^o.
(Assignado) ROCHA FARIA”.

Acha-se a doente hoje em dia curada, tendo se submettido a uma nova serie tuberculina. no inverno passado sem apresentar nenhuma reacção.

Tive occasião de examina-la em fins de janeiro do corrente anno e constatar a consolidação da cura obtida.

Vereis por ella a possibilidade do tratamento pela tuberculina modificada de casos de tuberculose febril congestiva de evolução sub-aguda. obtendo-se a immunização activa do paciente, mesmo na vigencia de constantes periodos congestivos que não só foram agravados, como corrigidos.

Na prophylaxia da tuberculose entra pois, meus senhores, a tuberculina como factor de duplo effeito: revelando o portador ou disseminador de virus e extinguindo o fóco de infecção.

Ainda ha pouco o eminente tisiologo patricio. o Dr. CLEMENTE FERREIRA, em excellente memoria, apresentada ao 1.º Congresso Brasileiro de Protecção á Infancia, em que trata da “Frequencia da Tuberculose Infantil e Assistencia da Criança tuberculosa”, deixou patente, por detalhado estudo de estatisticas mundiaes. que a infecção tuberculosa é, em quasi totalidade dos casos, adquirida na primeira infancia, succumbindo o lactante na proporção de 70 a 80 o|o. Infecção por contagio familiar que praticamente póde ser considerado exclusivo, deve sobre elle incidir todo o esforço do hygienista, preparando gerações novas, isentas da infecção bacillar, reconhecendo precocemente a infecção pela reacção diagnostica turberculina, dominando o afastamento das crianças indemnes predispostas que devem ser collocadas em condição de melhor elevação do coefficiente de sua resistencia, extinguindo o fóco da tuberculose latente ou aberta com a pratica tuberculina alliada ás medidas adjuvantes de tão complexa prophylaxia. até que chegue o dia, que creio não estar muito distante, em que a vaccina antituberculosa, de vez, afaste da humanidade o espectro da peste branca. Tendem para esse objectivo os esforços dos microbiologistas. Com as esperanças, lançadas por BEHRING pelos resultados, que obteve na immunização antituberculosa com a bovo-vaccinação, que a pratica infelizmente não sancionou tem a experimentação se succedido ininterruptamente, ora desilludida por desenganos ora recompensada em aquisição de factos promissores da solução do problema. A vaccinação antitubercular tem que visar, meus senhores, não só a immunização anti-tuberculina:

como a produção, de anticorpos específicos, como a immunisação contra a cellula parasita. E, nesse objectivo experimentam os microbiologistas obtel-a ensaiando os virus mortos ou attenuados pelos differentes agentes physico-chimicos ou biologicos, utilizando nesse mister as varias raças do virus, humano, bovino, aviario, ou dos animaes de sangue frio, e variando as vias de introduccão, assim como a dóse a experimentar. As escolas de BEHRING, MARAGLIANO, CALMETE e TERRAN de ha muito vem illustrando o assumpto, sem que os resultados dos seus estudos possam em tudo ser considerados como acquisições definitivas.

Enveredei, tambem por ahi a minha curiosidade scientifica, e, até agora os resultados obtidos não me autorizam a julgar proxima a solução do problema. dão-me alento e fé para que não abandone essa via de experimentação, com a esperanza remota de concorrer com meu esforço na maior obra de benemerencia para a humanidade.

Emquanto, meus senhores, que na vaccinação anti-tuberculínica se consegue obter um estado de immunidade activa com os productos retirados chimica ou mechanicamente dos corpos bacillares, triturando-os ou dissolvendo-os pelos reagentes os mais diversos, na immunisação antitubercular nada se consegue de positivo com o emprego dos residuos bacillares, ou dos elementos infectuosos mortos pelo calor, pela luz ou reagente chimico qualquer, inda que sua morphologia e estructura não sejam alteradas. Alguns resultados encorajadores teem sido, entretanto, obtidos quando se procede á inoculação de uma variedade de virus que, conservando a vida, apresenta suas propriedades alteradas no sentido da diminuição dos seus effeitos necrosantes e inflammatorios, de sorte a ser possivel a reabsorpção dos elementos figurados, que em doses crescentes poderão conferir um augmento de resistencia notavel ao organismo sensivel, por sua vez capaz de assegurar-lhe um estado de immunidade praticamente utilisavel.

Tendem nesse sentido as ultimas experimentações registradas em sciencia e, se se confirmarem os resultados annunciados por FERRAN, em virtude da sua original concepção sobre o saprophytismo do bacillo da tuberculose, ou os de CALMETTE com a modificação e attenuação dos bacillos pelos meios biliars, em breve entrará o problema em via de franca resolução.

Penso, meus senhores, que aos lipoides, substancias estas tão mal conhecidas, ainda estará reservado preponderante papel nesse desideratum, e nesse caminho orientando minhas investigações, perseverarei até que novas desillusões me obriguem a delle afastar-me, sem que me falleça a fé nos destinos da sciencia, para maior beneficio da humanidade.

Tratamento da orchite aguda blenorragica pelas injecções intra-epididymarias de electrargol estovainisado.

DR. O. CINTRA GORDINHO

E

DOCTORANDO W. BARNSLEY PESSÔA

A orchi-epididymite blenorragica, complicação frequente da blenorragia aguda em nosso meio, caracteriza-se especialmente por dois symptomas fundamentaes: a dôr e a tumefacção do epididymo com repercussão ao testiculo. Entre todos os meios therapeuticos que empregámos para combater essa affecção pertinaz afigurou-se-nos processo de grande efficiencia, de resultados mais rapidos, trazendo portanto allivio quasi immediato ao paciente, as injecções de electrargol, cuja acção sedativa se manifesta rapidamente ao fim de algumas horas. As vantagens do methodo seriam enormes se não fossem os phenomenos dolorosos que se succedem logo após á injecção, prejudicando seriamente a vóga do tratamento, determinando a repulsa dos doentes pusillanimes em acceitarem um segundo tratamento em caso de nova indicação.

Foi justamente para obviar a estes inconvenientes que imaginámos uma modificação da technica até então empregada, technica esta que se encontra descripta e commentada nos annaes da Casa Clin de Paris.

Primeiramente empregámos injecções de electrargol (2 a 5 c. c.) intra-epididymarias seguidas de uma injecção sub-cutanea de chlorhydrato de morphina. Não obstante esse hypnotico a dôr immediata era violenta. Apesar dos bons resultados verificados, pois a dôr cedia em algumas horas e o epididymo voltava ás suas dimensões primitivas em menor lapso de tempo, ainda não possuíamos o methodo ideal. Para que essa therapeutica entrasse na pratica corrente era mister que, além de sua simplicidade e efficacia, não fosse dolorosa, pois a dôr acovarda sempre! Proseguindo em nossas experimentações, crêmos ter chegado a um methodo talvez ainda não perfeito, porém que nos tem dado resultados plenamente satisfactorios nos numerosos casos em que o empregámos em nossa clinica hospitalar e civil. Consiste o methodo (Dr. C. Gordinho) em injectar uma soluçção de 2 c. c. de electrargol e estovaina a 10 % em partes eguaes simultaneamente no epididymo e no tecido cellular sub-cutaneo adjacent ao cordão espermatico. A picada é a unica parte dolorosa do tratamento. (sic). Torna-se o epididymo, sob a acção da estovaina, inser

sivel e decorrido um periodo de tempo variavel, (2-3 horas) recobra gradativamente sua sensibilidade primitiva para então desapparecer completamente entre 10 e 15 horas, segundo os casos observados.

O electrargol estovainisado, sobre ser eminentemente sedativo, actúa sobre o processo inflammatorio, diminuindo-o e apressando a sua resolução.

TECHNICA DA INJECCÃO

Na orchi-epididymite blenorragica o processo inflammatorio, como dissémos, se assesta de preferencia no epididymo, augmentando-lhe extraordinariamente o volume e fazendo-o attingir de ordinario de 20 a 30 vezes o seu tamanho primitivo. Dada esta condição e o conhecimento exacto da sua posição anatomica, facil é encontral-o. A injeccão deve ser praticada com todo o rigor da asepsia. Si houver anteriormente pomadas no escroto, retiral-as com alcool, benzina, etc. Para maior facilidade didactica descrevemol-a em tempos.

- 1.ª Asepsia rigorosa da região com tintura de iodo a 10 %.
- 2.ª Preparar a solução de electrargol e estovaina a 10 % ; 2 a 5 c. c. em partes eguaes.
- 3.ª Injectar no trajecto do cordão espermatico de 1 a 3 c. c. da solução acima.
- 4.ª Injectar lentamente "in loco dolente" do epididymo de 1 a 2 c. c. da mesma solução.
- 5.ª Auxiliar pelos meios habituaes de tratamento como sejam: bolsa de gelo, de agua quente, pomadas de base de collargol, etc.

OBSERVAÇÕES

Damos á publicidade algumas das nossas mais interessantes observações, em que se pode verificar ao lado da efficacia do tratamento o seu valor pratico, permittindo aos doentes a volta quasi immediata ás suas occupações habituaes, ao contrario de seus congeneres que exigem delles um repouso de, pelo menos, 10 a 15 dias.

I — J. A. 20 annos. (obs. W. Pessôa).

Entrou para a II H. C. amparado por um enfermeiro; facies pallida, crispada pela dôr.

Verificámos tratar-se de uma orchite aguda blenorragica esquerda, datando de 5 dias. Epididymo muito augmentado e extremamente doloroso. Praticámos uma

injecção de 0,8 c. c. de electrargol com igual quantidade de estovaina. Injecção de igual quantidade de electrargol estovainisado sobre o trajecto do cordão espermatico. Não collocámos bolsa de gelo nem empregámos quaesquer outros meios therapeuticos.

Manhã seguinte: Epididymo de volume menor, indolor, supportando perfeitamente a palpação.

Alta dois dias depois. Não sentia dores, o epididymo porém, ainda não havia regredido ao seu volume primitivo.

II — M. A. 22 annos. II C. H. (obs. W B. Pessoa).

Orchi-epididymite aguda blenorrhagica esquerda, datando de 6 dias. Praticámos pela manhã uma injecção de 0,5 c. c. de electrargol estovainisado. Não empregámos outros methodos therapeuticos. Na manhã seguinte chamamos a attenção de varios collegas para o epididymo do paciente que havia diminuido quasi da metade e a palpação era completamente indolor. O doente sentiu tal allivio que nos pediu outra injecção. Alta quatro dias após.

Epididymo quasi normal e indolor. Foi um dos resultados mais rapidos que obtivemos.

III — V. B. 19 annos (obs. W B. Pessoa).

Orchi-epididymite blenorrhagica. Recidiva pela terceira vez. Epididymo tumefacto e muito doloroso. A noite praticámos uma injecção de 1 c. c. de electrargol estovainisado. Manhã seguinte: Epididymo sómente doloroso á pressão. Neste caso prescrevemos pomada de collargol e bolsa de agua quente. Demos alta só no fim de 10 dias de repouso para evitar futuras recidivas.

IV — (Obs. Dr. C. Gordinho)

V. A. Vindo do interior, procurou-nos para que tratássemos de sua orchite.

Epididymo enorme e extremamente doloroso. O doente andava com difficuldade devido aos movimentos que lhe exacerbavam a dor. Fizemos-lhe no escriptorio uma injecção de electrargol estovainisado (1 c. c.) no epididymo affectado, que o doente supportou sem a menor reacção dolorosa.

Repouso, bolsa de gelo, Uraseptina.

Dia seguinte — Testiculo não doloroso á pressão, sómente o cordão espermatico era ainda um tanto sensível.

Adenite urethral formando-se na urethra anterior. Nesse mesmo dia o doente foi ao consultorio a pé onde operamos-lhe a adenite urethral. O testiculo não mais o incommodava, mostrando-se completamente indolor. Esta observação é recentissima achando-se ainda o doente em tratamento de sua blenorragia.

V — (Obs. Dr. C. Gordinho).

S. P. vem soffrendo ha oito mezes de orchite blenorragica recidivante. A menor mudança de regimen produz-lhe recahida da molestia. Ha mais de quatro mezes que é obrigado a guardar o leito. Consultára varios especialistas, tendo um delles declarado, segundo palavras textuaes do doente, “que se habituasse com a enfermidade, pois se tratava de um molestia incuravel”

S. P. para dar algum lenitivo ás suas dores, fazia uso diario de pantopon. Foi neste estado que vimos o doente pela primeira vez. Propuzemos-lhe a therapeutica radical, a injeccão de electrargol, que foi acceita pelo nosso doente que se achava atacado de uma neurasthenia sexual profunda. Pelo toque verificámos uma prostata congestionada e vesiculite esquerda. Praticámos no dia immediato a injeccão de electrargol no epididymo affectado. Bolsa de gelo, pomada e suppositorio de base de collargol.

No dia seguinte o quadro da molestia se modificára por completo. O epididymo, comquanto augmentado de volume, não era doloroso á pressão, não incommodava mais o doente, que tambem se nos apresentou moralmente transformado. As melhoras se accentuaram rapidamente, permittindo-nos dois dias após verificar por meio de uma sonda a existencia de um estreitamento urethral filiforme.

Praticámos a urethrotomia interna cinco dias depois da injeccão de electrargol. Sonda de demora por 48 horas.

Dilatação progressiva cada dois dias, seguida de instillações de argyrol Barnes a 5 %. Em 10 dias o nosso doente, sentiu-se apto para deixar o leito, passeiando, sem sentir o menor incommodo para o lado do testiculo. Ao

cabo de 15 dias de tratamento obteve alta, continuando naturalmente as dilatações e instillações.

Hoje, isto é, anno e meio após a injeção de electrargol, ainda não se manifestou o menor symptoma para o lado do testiculo que o obrigára a guardar o leito por quatro mezes.

Esta observação por si só vale para a consagração de um methodo.

São Paulo. 30 de Abril de 1921.

Sobre um caso de distomatose produzida pelo clonorchis sinensis

PELO DOUTORANDO
CARLOS NAPOLEÃO LATERZA

(Communicação feita á Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo.)

ANAMNESE — Trata-se de um japonéz, K. T., com trinta annos de idade, casado, trabalhador, residente no Brasil ha cinco annos.

Entrou para a Segunda Enfermaria de Medicina de Homens, a cargo do prof. Dr. Rubião Meira, a 14 de outubro de 1919.

Trata-se de um homem de estatura pequena, porém, de constituição robusta.

Recolheu-se ao Hospital da Santa Casa, porque estava muito edemaciado e com muita fraqueza, vendo-se assim impossibilitado de trabalhar

INTERROGATORIO — ANTECEDENTES HEREDITARIOS — Pae, fallecido de dysenteria. Mãe, fallecida de senilidade. Irmãos: — quatro ao todo, sadios.

ANTECEDENTES PESSOAES — Não se lembra de ter tido molestias peculiares á infancia. Nega molestias venero-syphiliticas.

HISTORIA ANTERIOR DA MOLESTIA — Em janeiro de 1918 ficou com o corpo todo edemaciado (anasarca); chamou o medico que, com tratamento adequado, conseguiu cural-o, sendo que em agosto estava completamente restabelecido. Diz o doente que o diagnostico que o medico fez foi de nephrite. Actualmente repetiu-se a mesma molestia, que se iniciou com edema dos membros inferiores, generalisando-se por todo o corpo. Impossibilitado de trabalhar viu-se na contingencia de se recolher ao Hospital para o seu tratamento.

SYMPTOMATOLOGIA — Lamenta-se o doente de muita fraqueza, cephaléa e dôres dífusas pelo corpo. Apresenta-se edemaciado, com anasarca, isto é, com edema dos membros inferiores, abdomen, membros superiores, thorax, faces e palpebras.

Tem ganglios epithrocleanos.

Retumbancia da segunda bulha no fôco aortico.

EXAME DE LABORATORIO — Reacção de Wassermann (+++) Bem positiva.

EXAME DE FEZES — Caractéres organolepticos: — Pastosas, côr de café, cheiro fecaloide.

Exame microscopico. — Revelou raros ovos de **Clonorchis sinensis**.

ANALYSE DE URINA — Verificou-se uma forte olyguria pela colheita de urina durante vinte e quatro horas.

Albumina — Grande quantidade (20 grs. por mil).

Assucar — Após decantação pelo liquido de Courtois reduziu fortemente o licor de Fehling e o reactivo de Nyländern, havendo portanto, no caso, notavel quantidade de glycose, que não foi dosada.

Sedimento — Cellulas epitheliaes — algumas.

Hematias — raras.

Leucocytos — raros.

Cylindros — numerosos, granulosos

Crystaes — não ha.

N. B. A anamnese do doente foi muito difficil por elle não conhecer o nosso idioma.

IMPORTANCIA DA PRESENTE COMMUNICAÇÃO

— O ponto capital da questão é o facto de parecer que é o primeiro caso a assignalar no Brasil e não sei bem se na America do Sul.

Por uma carta que escrevi ao Sr. Dr. Adolpho Lutz, de Manguinhos, obtive uma resposta na qual o illustre parasitologista diz o seguinte: — “O Clonorchis é um parasita aparentemente commum em certas regiões, e frequente entre japonezes emigrados, como foi identificado em Cuba e na America do Norte” Parece, pois, que ainda não foi verificado na America do Sul.

E' tambem de importancia o seu conhecimento, agora que a imigração japoneza está se intensificando para a America do Sul. E já não é o primeiro caso que os japonezes têm exportado porque o professor Dr. A. Carini teve occasião de encontrar no escarro de um japonês os ovos de **Paragonimus Westermanni**.

Em se tratando de um assumpto muito pouco conhecido entre nós procurei fazer um eschema do estudo completo que até hoje tem sido publicado.

HISTORICO — Origem do termo — βλων, Κίωνός (ramos) + ὄρχις (testiculos) isto é, testiculos ramificados.

Descoberto em 1874 quasi que simultaneamente por Mac Connell e Mac. Gregory, foi descripto em 1875 por Cobbold com o nome de **Distomum sinensis**.

Em 1883, Baelz, que ignorava os trabalhos dos medicos inglezes, fez na mesma época descripções importantes no Japão e acreditou ter encontrado duas novas especies que denominou: **Distoma hepatis endemicum, sive, perniciosum** e **Distoma hepatis inocuum**.

W. Taylor, Isao Ijiana e R. Blanchard reconheceram a identidade do parasita descripto por Cobbold e daquelles encontrados por Baelz.

Em 1895, R. Blanchard incluiu o Distoma chinez no genero **Opis-**

torchis, que elle estabelecia para os distomas cujos testiculos se acham atraz do ovario.

Em 1907 Loos collocou-o no genero **Clonorchis**, creado para os trematoides cujos testiculos atraz do ovario são ramificados, reservando o nome de **Opistorchis** para aquelles cujos testiculos são lobados.

Recentemente Verdun e Bruyant distinguiram duas variedades de **Clonorchis Sinensis**: uma variedade **Major**, na qual o verme adulto tem treze a dezenove millimetros de comprimento sobre tres a quatro millimetros sobre 2 millimetros de largura, e cujos ovos teriam 26 parasita, que corresponderia ao **Distomum hepatis innocuum** de Baelz, frequente na China, seria raro no Japão.

A variedade **Minor**, em que o verme tem um comprimento de 10 a 13 milimetros sobre 2 milimetros de largura, e cujos ovos teriam 26 micra por 15 micra, referir-se-ia ao **Distoma hepatis endemicum, sive; perniciosum** de Baelz. Esta variedade seria muito commum no Jopão, em Tonkin e em Annam.

Mathis e Leger pelos seus estudos feitos em Tonkin em 1911 acham que não é possivel uma distincção entre duas variedades, baseada somente sobre as dimensões. Pelas medidas feitas verificaram, medindo um grande numero de parasitas adultos, como dimensões extremas 12.5 e 20 mm. de comprimento e 2 a 3,2 mm. de largura.

SYNONIMIA — **Distomum sinensis**, Cobbold, 1875; **D. spathulatum**, Leuckart, 1876; **Distomum hepatis innocuum**, e **Distomum hepatis endemicum, sive, perniciosum**, Baelz, 1883; **Opistorchis sinensis**, Blanchard, 1895; **Clonorchis sinensis**, Loos, 1907.

HABITAT — Nos canaliculos biliares do homem; nos canaliculos biliares do cão e do gato.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA — China, Japão, Annam e India.

DESCRIPÇÃO DO VERME—E' um plathelmitho, trematoide, distomideo ou fasciolideo do genero **Clonorchis**, tendo o corpo não segmentado, foliaceo, provido de um tubo digestivo sem anus e de duas ventosas.

Corpo achatado, de côr avermelhada, com a parte anterior estreitada, apresentando duas ventosas, uma oral, outra ventral, approximadas, tendo ramos intestinaes longos e simples que vão até á extremidade posterior do corpo; — póro genital logo adiante da ventosa ventral; testiculos ramificados, collocados atraz do utero; o utero contem numerosos laços com innumerous ovos pequenos; póro excretor terminal.

VARIÉDADES — Verdun e Bruyant (1908) descrevem duas variedades de **Clonorchis sinensis**: — o **C. S. major** e o **C. S. minor**. De seus estudos recentes, C. Mathis e M. Leger (1911) concluíram que não ha razão de ser para duas variedades de **Clonorchis**, baseada essa distincção somente sobre as dimensões, conforme Bruyant e Verdun querem; e tendo medido um certo numero de exemplares adultos, encontraram as seguintes dimensões extremas: — 12,5 mm. a 20 mm. de comprimento sobre 2 mm. a 3,2 mm. de largura.

Verdun e Bruyant dão para a variedade **major** 13 a 20 x 3 a 4 mm. e para a variedade **minor** 10 a 13 x 2 a 3 mm.

Os ovos são pequenos, ovoides, de côr amarellada, apresentando numa extremidade um operculo e na outra uma pequena ponta em espigão. Medem de 26 a 30 micra de comprimento por 15 a 17 micra de largura.

EVOLUÇÃO — E' desconhecida.

Pela grande analogia que apresenta com o distoma do fígado, da Europa, a *Fasciola hepatica*, e com o pequeno distoma, o *Dicrocoelium lanceatum*, acredita-se que é no estado de cercarias que os distomas chineses penetram no tubo digestivo do homem.

Si as cercarias estão livres na agua, ellas são absorvidas directamente: si estão encystadas, quer sobre uma planta aquatica, quer no tecido de um mollusco ou de um peixe, a infestação deve fazer-se por intermedio desses elementos consummados crus ou cozidos insufficientemente.

INFESTAÇÃO E PROPHYLAXIA — Dada a incerteza que se tem sobre a infestação tambem mais incerta é a prophylaxia, visto que esta depende incontestavelmente daquella.

Billet incrimina um mollusco de genero **Melania** ou talvez **Paludina Laosensis** no qual encontrou esporocytos.

Segundo Kastsurada, o homem se infestaria, quer comendo certos peixes, quer directamente, sem hospede intermediario, bebendo agua polluida ou ingerindo plantas aquaticas que conteriam cercarias encystadas.

Kobayaski provou a sua hypothese, pois conseguiu infestar experimentalmente gatos, coelhos e cobayas com cystos encerrados em musculos de diversos peixes de agua doce da provincia de Okayama, principalmente *Pseudorasbora* e *Leucogobia Güntheri*.

Fraissinet indica que segundo Lutz a *Limnea Peregrata* seria o hospede de escolha. Os indigenas fariam grande consumo deste mollusco que figuraria em todos os mercados e que seria denominado "côn hop"

Mathis e Leger verificaram que nenhum tem esse nome e que a *Limnea Peregrata* não entra na alimentação dos anamitas. Aham que Fraissinet confundiu "côn hop" com "con ôc" que é o termo generico, com que os indigenas de Tonkin chamam todos os mariscos aquaticos.

Em resumo, o desenvolvimento genetico do **Clonorchis sinensis** é até agora hypothetico.

MODO DE FIXAÇÃO — A sua fixação é feita pela applicação das ventosas ás paredes dos canaes biliares. Alimentam-se de bile e de sangue.

PATHOGENIA — Os distomas em geral exercem sobre o organismo. — a) uma acção espoliadora; b) uma acção mechanica; c) uma acção irritativa; d) uma acção toxica ou talvez bacterifera.

A) — **Acção Espoliadora** — Os coecuns intestinaes de um Distoma encerram uma massa escura que sahe á pressão e que muitos auctores consideram como bile. — Raillet provou que se alimentam de sangue.

A perda de sangue é relativamente pequena, entretanto, prolongando-se, póde acarretar enfraquecimento organico.

B) — **Acção Mecanica** — Quando são numerosos obstruem os canaes biliares e mesmo os pancreatcos. Podem, assim produzir uma ictericia de retenção mais o menos pronunciada. Podem comprimir certos pontos do systema venoso porta, dando origem á ascite e á hypertrophia lienal.

C) — **Acção Irritativa** — Vide anatomia pathologica.

D) — **Acção Toxica e Bacterifera** — As lesões hepaticas são muito pouco importantes, comparando-as cm as que produziria um cysto hydatico volumoso, frequentemente bem tolerado pelo organismo, graças á grande plasticidade do fígado.

Em muitos casos, entretanto, a distomatose hepatica é grave, gravidade essa ligada provavelmente ás substancias toxicas lançadas pelos distomas na corrente circulatoria.

A **cachexia aquosa** produzida pela **Fasciola hepatica** e pelo **Dicrocoelium lenceatum** em certos animaes, é, comtudo, comparavel, até certo ponto, com a anemia verminosa produzida pelo **Dibotriocephalus latus** ou pelo **Trichocephalus trichiurus**.

E' admissivel que na migração dos Distomas do intestino para o figado ou para os canaes pancreaticos transportem microbios intestinaes capazes de produzir angiocholite, pancreatite, podendo mesmo inoculal-os pela picada no aparelho circulatorio.

ANATOMIA PATHOLOGICA — As lesões determinadas pelos Distomas foram descriptas por Grall, Vallot, Moty, Katsurada, Blanchard, Gaide.

Macroscopicamente se caracterizam pela congestão e hypertrophia do figado, pela dilatação dos canaes biliares obstruidos pelos Distomas.

Histologicamente se nota o espessamento das paredes dos canaes biliares, alterações do epithelio e o apparecimento de canaliculos de neoformação. A proliferação do tecido conjunctivo não se limita ás paredes das vias biliares; ella pode se estender a todo o parenchyma hepatico. Finalmente o processo termina em uma verdadeira cirrhose e os elementos nobres soffrem a degenerescencia graxa ou granulosa.

Anatole Leger occupou-se recentemente, de novo, do estudo anatomopathologico do figado parasitado pelo **Clonorchis sinensis**. Notou particularmente a reacção dos canaes biliares infestados, sob a forma de producção adenomatosas ou papillomatosas, ás vezes polycysticas, verdadeiras neoplasias benignas provocadas pelos parasitas. Elle approxima estes phenomenos reaccionarios daquelles provocados, p. e x., pelos de **Bilharzias** no recto e na bexiga.

Sabrazés e Leger notaram uma eosinophilia local de grau elevado nos figados parasitados. Esta reacção eosinopholica, constituida pelo apparecimento de varias cellulas acidophilas, uninucleadas ou polynucleadas, é de qualquer modo a resposta dos tecidos parasitados ás acções toxicas produzidas pelo trematode. Ella é approximada daquella assignalada, em 1903, por Sabrazés no tecido conjunctivo que envolve os cystos hydaticos.

Estas alterações avançadas permittem comprehender o syndromo da insufficiencia hepatica observada em certos casos: — perturbações da digestão e da absorpção, em seguida á parada da bile; perturbações urinarias; ascite, por compressão no figado dos ramos de divisão da veia porta; perturbações nervosas de ordem reflexa, por irritação mecanica.

Emfim pode-se suppôr que o Distoma actua tambem por secreções toxicas e talvez directamente nos capillares dos canaes, semelhantemente ao facto que mencionou Raillet para a **Fasciola hepatica**.

SYMPTOMATOLOGIA — Quaes os symptomas determinados pelos parasitas alojados nos canaes biliares?

E' impossivel affirmar com precisão. Com effeito, não se conhece syndrome proprio da distomatose hepatica.

Gaide resume assim o quadro clinico observado em certos casos de infestação: — "congestão do figado com hypertrophia notavel, ictericia mais ou menos accentuada sem descoramento das fezes, perturbações digestivas e perturbações urinarias consecutivas, febre de typo

irregular, bradycardia e perturbações nervosas de ordem reflexa com alguma tendencia ao coma e á hypothermia”.

Sambúc relata um caso, longamente estudado, de distomatose em que foi necessario a cholecystectomy. Os symptomas apresentados lembravam os da hepatite suppurada e da lithiase biliar: dôres hepaticas lancinantes fazendo pensar nas dôres de calculose, escapulalgia, hypertrophia consideravel do orgão, febre intensa, vomitos biliosos abundantes. As puncções do figado só tendo dado bile, foi estabelecido o diagnostico de angiocholite com cholecystite. No decorrer da operação verificou-se a sahida de numerosos distomas.

Notamos na observação de Sambúc a erupção de urticaria muito forte e tenaz, sobrevinda após as puncções, e que era, em todos os pontos, identica ás erupções que succedem ás puncções do cysto hydatico do figado.

Quando o figado é parasitado por numerosos Distomas (avaliou Blanchard em mais de dez mil o numero de parasitas que encerrariam os canaliculos biliares do figo de um anaumita vindo dos hospitaes de Hanoi), pode dahi resultar uma insufficiencia hepatica.

Nos casos extremos, Taylor assignalou, no periodo terminal da anasarca, uma diarrhéa difficil de dominar, finalmente cachexia, um enfraquecimento progressivo e a morte.

Billet, em Caobang, em 1893, attribuiu á distomatose a morte subita de um anaumita que se pensava ter sido assassinado. Os canaliculos de vesicula biliar estavam distendidos e continham numerosos **Clo-norchis sinensis**. O tecido hepatico apresentava-se fortemente esclerosado, havendo, além disso, pleurisia e pericardie purulentas.

Mas, nos casos em que a infestação é ligeira, ella passa absolutamente despercebida, e só o exame repetido das fezes permite saber que o figado está parasitado.

Grall crê que os medicos do Japão têm sobrecarregado o quadro clinico da molestia. Para elle o Distoma chinês apenas determina um estado doentio, e a morte, quando sobrevem deve ser attribuida a uma infestação intercurrente.

Mathis e Leger, em 1906, tiveram a idéa de pesquisar a insufficiencia hepatica pela prova do azul de methyleno. Foi verificada, nos portadores de Distoma, uma diminuição da duração total da eliminação, um retardamento no apparecimento do maximo da intensidade de eliminação, e intermittencias precoce no curso de eliminação. Este rythmo **polycylico** em particular é o que se observa nos ictericos chronicos e no figado cardiaco em grau adiantado.

A formula leucocytaria, estabelecida em trinta e quatro indigenas portadores de Distomas, só ou com associação de outros helminthos, nada têm de caracteristica. O augmento da taxa de acidophilos, nos casos difficeis, serve de elemento de diagnostico differencial côm a hepatite suppurada, sendo que nesta se encontra hypo-eosinophilia.

DIAGNOSTICO -- O diagnostico é quasi impossivel de se fazer, sobretudo nos paizes em que grassa o impaludismo. O exame de fezes é o unico meio que pode descobrir a origem das perturbações hepaticas nesses casos, como no caso presente em que, favorecido pelo acaso encontrei o Distoma, porque geralmente a presença de um pequeno numero desse parasita no figado, passa despercebida e a sua presença só é revelada pelo exame das fezes ou pela necroscopia.

N. B. — Este diagnostico foi confirmado pelo Professor Dr. Celestino Bourroul, lente de Parasitologia da Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo.

PROGNOSTICO — A infestação intensa pelo **Clonorchis sinensis** é uma das mais graves molestias parasitarias — nos paizes em que se encontra —, visto a impossibilidade de agir sobre os trematodes.

Quando os parasitas são em pequeno numero, o portador pode viver por longo tempo.

E' de notar a longevidade do **Clonorchis**, o que explica a facilidade e a possibilidade de accumulo desse parasita alojados nas vias biliares.

TRATAMENTO — Foi empregado o benzoato e o salicylato de sodio, sem resultado.

Por emquanto tem sido o tratamento puramente symptomatico.

Problema Vital

Não existe talvez, no seio do corpo discente da nossa Faculdade, problema tão discutido e realização tão desejada como a do reconhecimento da Escola, que frequentamos. Não existe também para nós causa mais bem amparada pela Justiça. E' que tal aspiração se nos depara como uma necessidade e consegui-la é problema vital.

Effectivamente, as condições de meio encontradas pelos medicos da Faculdade de S. Paulo, não são das mais propicias para o exercicio de sua profissão. Vencidos os seis longos e trabalhosos annos do curso, o novo graduado tem de lutar dentro dos limites do Estado, hoje bastante pequeno para campo onde se desenvolva a actividade de tantos companheiros de officio, que o procuram para o exercicio da carreira. D'ahi a competição.

E se esta é legitima, nada tem de iniquo para os que a intentam, claro é que as desvantagens sempre existem para os que são obrigados neste terreno a enfrenta-la, sem faculdade de procurar outro ambiente, que não o marcado pelas relativamente estreitas balizas estaduais. Fica, pois, o recém-formado cingido dentro de tal limite; e, considerado o numero sempre crescente dos medicos graduados por outras Escolas que acorrem ao nosso Estado, principalmente estrangeiros, ver-se-á claramente que aquellas desvantagens augmentam também gradativamente para os novos medicos que aos poucos vão sendo formados pela nossa Faculdade.

Poder-se-á objectar que o territorio assim marcado é vasto e sufficiente, não só agora mas no futuro, quando crescer o numero de medicos e com elle, parallelamente, o da população. Argumentos, com leve tinta de jacobinismo, procurarão demonstrar que até ha vantagem no facto dos medicos paulistas serem obrigados a enfrentar o elemento forasteiro nos nucleos mais habitados do Paiz, como o nosso Estado.

Não ha, porém, nenhum argumento possível, para se encobrir a evidente injusta de se fecharem as portas do departamento estadual aos medicos de S. Paulo, só porque se formaram numa Faculdade, onde o ensino é identico e a situação egual ás das demais contempladas pelos favores do reconhecimento federal.

E se para os medicos paulistas as vantagens advindas desta regalia são patentes, (1) não se ponha em duvida a tempera de suas armas para os combates dentro da adeantada circumscripção, em cuja Capital se formaram. Mas, não se pode negar, na zonas do territorio patrio onde seriam maiores, por qualquer circumstancia individual, as facilidades de vida e mais propicio o ambiente para muitos, ainda sem garantia de recursos para o proprio sustento, que necessitam infelizmente de curto prazo para estabilização nos difficeis primeiros annos de vida profissional.

Por isto — reatando — o estabelecimento de uma medida que ponha fim á esta situação de desigualdade entre profissionaes da mesma classe, trabalhando no mesmo paiz, terá para nós o valor de um amparo.

E este é tão grande quanto facil: o reconhecimento da Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo.

A facilidade, porém, para a resolução do problema apresenta, em compensação, a relativa difficuldade para se conseguir aquella medida.

Fala em bem desta affirmativa o facto da nossa Faculdade contar já oito annos de vida sob a egide governamental, ter sempre funcionado regularmente e até hoje ainda não dar aos seus alumnos diplomas reconhecidos pela União.

Capricho? Não, certamente. O Governo Estadual, em principio, não se desinteressa pela sorte da Faculdade; os seus directores tem se empenhado em conseguir o reconhecimento; e á aspiração do corpo discente casa-se o mesmo desejo da Congregação.

Ainda ha pouco, quando de sua passagem pela Directoria da Escola, o Prof. Ovidio Pires de Campos escreveu um longo estudo fundamentando o pedido do reconhecimento. Nesse memorial, com que demonstrou aos alumnos não ter se esquecido de sua promessa quando empossado no alto cargo, a questão foi collocada em termos precisos, e ao desejado reconhecimento tres caminhos foram abertos: por lei federal, por deliberação do Conselho Superior do Ensino e, finalmente, por um processo de reconhecimentos estadoaes parcellados.

Destes, os dois primeiros tinham portões fechados, quanto a conveniencia de serem preferidos. Senão vejamos:

(1) Ha cargos officiaes e não officiaes que exigem medicos formados em Faculdades reconhecidas pela União.

A lei federal, dando como idoneos os diplomas passados pela Faculdade de S. Paulo (2), ia collocar a questão em uma assembléa onde accordaria desejos identicos de outros Estados com Escolas em condições semelhantes ás da nossa. E o resultado se deduz: seria, depois de longo debate entre representantes desejosos cada qual de servir ao seu Estado, uma lei geral de reconhecimentos, para todo o Paiz. Ora, por isto mesmo, qualquer projecto neste sentido, por influencias directas ou indirectas, teria fatalmente de soffrer encalhe, no Congresso, porque as suas consequencias e desvantagens não escapam aos espiritos bem intencionados e de vistas largas.

Por outro lado — segundo caminho — haveria o recurso do Conselho Superior do Ensino que, é certo, não opporia embargos á pretensão. Ficaria assim a nossa Escola equiparada, ao fim de um determinado prazo, supponhamos — um anno, necessario para a fiscalisação.

E que é necessario para a equiparação? Somente o pedido, demonstrando que a Faculdade obedece aos moldes da Escola-padrão creada pelo Conselho. Isto importa em dizer que a nossa Faculdade precisa ser modificada na sua organização basica, na seriação das suas cadeiras, em o numero destas, suffer emfim uma transformação radical — transformação que vae de encontro aos propositos dos dirigentes publicos, firmes no desejo de conservar a Escola como está, porque é assim que ella tem firmado creditos, pelos seus magnificos resultados, e só assim ella poderá continuar a ser, “sem jactancia, gloria do Governo que a fundou e padrão notavel do Estado que a mantem”

Com a equiparação, portanto, perderia a Faculdade a sua autonomia porque sobre ella teria poder directo o Conselho, fiscalizando todos os seus actos de vida interna, dos mais simples aos mais complexos, com direito mesmo a julgar “de meritis”

Resta a terceira solução do caso que é, no fundo, uma synthese; na forma, uma analyse: processo de reconhecimentos estadoaes parcellados. Por elle, os diplomas da nossa Escola dariam direito aos seus possuidores de clinicarem nos Estados, em que este exercicio medico fosse franqueado por lei especial. A principio esta concessão seria outorgada por um Estado; logo depois o exemplo teria imitadores, e assim, aos poucos, o reconhecimento seria uma realização completa em todo o Brasil. Vale dizer: reconhecimentos estadoaes perfazendo, na sua equivalencia de vantagens, um reconhecimento federal.

Isto é possivel. Para começar, é bem considerar-se que o exercicio de uma profissão em cada Estado obedece a determinados preceitos regulamentares. Por tal se explica porque no Rio Grande do Sul.

(2) Caso da Escola Polytechnica de S. Paulo.

por exemplo, os medicos não precisam exhibir titulos de habilitação. Em outros Estados, pelo contrario, aos profissionaes não basta ter diploma, é necessario ainda registra-lo.

Depois — não vae, em tal affirmativa, laivo de pretensão ou immodestia — a Faculdade de S. Paulo, pela sua organização solida e pelo seu regimen severo, offerece garantias quanto á natureza dos seus diplomas (3). Não ha, pois, motivos em contrario para que sejam em alguma parte rejeitados como não evidenciadores da competencia de quem os apresente.

Este ultimo processo de reconhecimento será talvez menos rapido do que os outros dois. Mas apresenta, no fundo, as mesmas vantagens. Haverá razão para o esquecermos? Motivos para o preferirmos?

Será difficil dize-lo, repentinamente. Tudo depende de um demorado exame, que não pode ser feito agora no meio destas considerações ligeiras, escriptas ao correr da penna. E' necessario sempre ter-se em vista o beneficio do reconhecimento e com este confrontar os varios meios de sua realização.

A' primeira vista, avulta em excellencia o processo da equiparação, decisivo e rapido. Porém ao espirito sereno, conservador e moderado, repugna uma transformação subita em normas bem defendidas pela experiencia. E aos de prática, tudo está a indicar, em horizonte amplo e limpo, que melhor convem uma conservação de regimen.

Ainda ha pouco, auctoridade tambem muito acatada em materia de ensino, falando desta Escola affirmava que certamente ella “nunca terá em seu passivo leis intempestivas, nem inuteis, nem theoricas, nem pessoaes. E meridianamente resahe a conclusão de que ella tem a seu favor possibilidades de tal jaez, que se não encontram melhores nas existentes parcellas da federação brasileira. Seu caminho é facil, seguro, desempegado de multiplos estorvos por que têm amiude as outras de romper para a victoria definitiva. E os poucos annos de sua existencia o demonstraram brilhantemente”

Por outro lado, se quizermos o reconhecimento sem modificação do actual regimen, levando em conta a base em que se assenta a opinião supracitada, temos de appellar para o Congresso Nacional. Mas a lei que nos pode abrir caminho e alargar o circulo de acção, exige, é innegavel, a circumstancia de uma oportunidade, que não a presente. Questões de politica, comprehende-se. Somente destas depende vingar o alvitre de uma lei especial para a nossa Faculdade.

Em resumo: tres caminhos. Por onde seguir?

(3) “São Paulo pode orgulhar-se de sua Faculdade; ella conquistou inelutavel direito de existencia”. (Prof. Oscar Freire — Licção inaugural do Curso de Deontologia Medica).

*
* *

Comtudo, emquanto a situação é de escolha e de duvida, uma condição se mostra: é a necessidade de se tornar conhecida, no Brasil, a Faculdade de S. Paulo, publicandolhe os trabalhos, vulgarizando-os nos meios scientificos, submettendo-os ao juizo dos entendidos, para que, e só assim — o reconhecimento se imponha como obra de justiça.

A questão da desigualdade ainda está de pé, na hora actual, e não se enxergam motivos que colloquem o estabelecimento de ensino paulista em nivel inferior ao dos demais congeneres do Paiz, idoneos ás leis federaes.

Tudo, pois, nos leva a esperar confiantes o almejado reconhecimento. Será talvez questão de tempo. E, de justiça, hade vir.

Mas emquanto não gosamos de semelhante regalia, por isto mesmo mais forte é o motivo para não consentirmos sejam esquecidas disposições protectoras firmadas por lei, que attenuam a demonstrada desigualdade.

Destas avulta a concedida pelo decreto n.º 1.357, de 19 de Dezembro de 1912, estabelecendo o curso da Escola de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, creado pela lei n.º 19 de 12 de Novembro de 1891.

No seu texto encontramos (4):

“Artigo 25 — Os formados pela Faculdade de Medicina e Cirurgia do Estado, que nella tenham feito todo o curso medico-cirurgico, serão preferidos para nomeação de inspectores sanitarios, medicos de policia e outros cargos que demandem competencia professional medica”.

Pois bem. Contrariamente ao que era de se esperar, a esta lei não se tem dado o devido cumprimento. Não foi outro o motivo por que o Centro Academico “Oswaldo Cruz”, em feliz iniciativa, dirigiu ao Prof. dr. Edmundo Xavier o seguinte officio, assignado pelo doutorando Waldemar Barnsley Pessoa, seu esforçado presidente, e pelos demais companheiros de directoria:

“Exmo. Prof. Dr. Edmundo Xavier

O Centro Academico “Oswaldo Cruz”, no intuito de zelar pelos interesses dos associados, que representa, vem pedir para assumpto de grande revelancia, a attenção do digno Director da Faculdade

(4) Lei promulgada pelo Cons. Rodrigues Alves, Presidente do Estado, sendo Secretario do Interior o dr. Altino Arantes. Publicada em 26 — XII — 1912.

de Medicina e Cirurgia de São Paulo, como o mais autorizado poder que concorra para a satisfactoria solução de uma caso, em que actualmente se empenha a sociedade.

O motivo que faz resaltar a oportunidade desta representação traz, pela analyse das circumstancias que o rodeiam, razões de justiça taes que certamente não hão de escapar ao esclarecido criterio de V. Exa.

De facto, Exmo. Sr. Director, quando da fundação deste estabelecimento de ensino, tanto apoio mereceu do Governo a sua obra, que elle não se limitou a estabelecer as bases solidas da nova Faculdade e foi ao ponto de crear leis especiaes que protegessem todos aquelles que por ella se formassem. E' assim que a mesma lei n. 1357 de 19 de Dezembro de 1912 que determinou aquellas bases, incluiu tambem em seus artigos uma disposição que visa especialmente os alumnos da nossa Faculdade, dando-lhes preferencia todas as vezes que entrem em competição com medicos formados por outras escolas, na disputa de cargos estadoaes.

Nada mais justo, é claro, porque a obra só se completaria definitivamente quando, modelada a sua organização, todos os que a frequentassem tivessem o apoio forte de quem lhes abrija as portas do estabelecimento, onde viram coroados os seus esforços de seis longos annos de estudo.

Todavia, embora sempre houvesse fundados motivos para que esta justa disposição fosse observada, vemos, agora que deviam esplender as suas vantagens, que ella foi esquecida e com ella esquecidos os direitos daquelles para os quaes fora creada.

Não vae exaggero no que affirmamos. Ainda ha pouco, pretendendo um medico recém-formado pela nossa Escola occupar um cargo em repartição estadual, para cujo desempenho lhe garantiam preferencia não só a supracitada lei como 16 mezes de serviço na mesma repartição e favor concedido por lei especial creada para os que trabalharam durante a pandemia de grippe, viu elle, com natural surpresa, postergados todos estes direitos, porque calcadas todas as disposições que o amparavam.

Não é preciso mais, Exmo. Sr., para que se evidencie a desvantajosa posição que se vae creando para todos os medicos formados pela nossa Faculdade — aquelles justamente que deveriam merecer do Governo o seu amparo seguro, não só porque alumnos de Faculdade estadual senão tambem porque não lhes assistem regalias concedidas a outros medicos formados por estabelecimentos federaes.

Vemos assim que os diplomados pela Faculdade de São Paulo, além de não poderem exercer sua profissão fóra do territorio que lhes marca o limite do Estado, ainda, no estreito ambito de sua acti-

vidade, encontram obstaculos representados por direitos que lhes nega o mesmo Governo que os devia proteger.

Ficam dest'arte em inferioridade de condições, a que se junta o clamoroso desamparo da publica administração, os que, conhecendo o ensino desta Faculdade a ella preferiram certos de que, embora não reconhecidos os seus diplomas pela União, tinham, além do bom aprendizado medico, as vantagens da protecção governamental do Estado.

Urge, pois, uma providencia salvadora; porque do contrario vamos caminhando para uma situação tal em que é evidente a injustiça que ameaça todos aquelles formados pela nossa Escola, cujas facilidades em vez de se augmentarem vão diminuindo, no meio em que labutam. Não é outro o motivo porque em hora feliz nos lembramos de recorrer a V. Exa.

O prestigio dado pelas altas qualidades de V. Exa. ainda tem a augmental-o, no caso presente, o facto de ser V. Exa. Director desta Faculdade — isto é ter a direcção de todos os actos internos e a fiscalisação dos direitos que adquirem os que por ella se formarem.

Assim, quando já nos não falasse bastante o zelo de V. Exa. pelas cousas que dizem respeito ao estabelecimento á sua guarda, o exito da causa presente teria por garantia principios innegaveis de justiça.

Tudo pois nos dá certeza de que alcançaremos o fim collimado. Para tanto confiamos em V. Exa. que, não desmentindo as fundadas esperanças dadas pela orientação intelligente que V. Exa. tem continuado na directoria da nossa Faculdade, ainda creará motivos maiores ao reconhecimento dos seus alumnos, defendendo a causa presente perante o Governo do Estado e pugnando para que sejam observadas as leis que protegem os formados por esta Escola.

Porque se estas leis attenuam os desfavores em que nos colloca o não reconhecimento federal da Escola, desapparecidas ou menos presadas, será mesquinha a situação dos medicos paulistas, esquecidos do Governo e condemnados a exercer a profissão em acanhados limites.

V. Exa. porém, estamos certos, saberá agir afim de que sejam poupados desrespeitos tão clamantes á JUSTIÇA!"

F. C. P.

NOTICIARIO

“POSTOS DE PROPHYLAXIA E TRATAMENTO GRATUITO DA SYPHILIS”

O Centro Academico “Oswaldo Cruz” não tem descurado da sua principal instituição: os Postos de prophylaxia e tratamento gratuito da syphilis. Para manutenção dos dois dispensarios já existentes tem envidado grandes esforços, angariando donativos e solicitando auxilios.

Assim é que a directoria da nossa aggremação se entendeu com o Dr. F. Vergueiro Steidel, Presidente da Liga Nacionalista, tendo obtido, além, do apoio daquela sociedade a tudo que vise fundamentar os alicerces da campanha, a promessa de concorrer directamente para que seja augmentada a lista de socios contribuintes da Liga contra a Syphilis.

Além disto, o Centro enviou um longo officio ao dr. Belisario Penna, chefe do Departamento Nacional de Saude, pedindo um auxilio annual para a caridosa instituição dos dispensarios. O officio continha além da estatistica detalhada de nosso serviço, a exposição dos motivos de justiça que assistem ao pedido, e o historico da campanha, desde o seu inicio.

Na mesma data foi enviada a seguinte carta ao dr. Luciano Gualberto, vereador na Camara Municipal de S. Paulo:

“Exmo. Sr. Dr. Luciano Gualberto:

Respeitosas Saudações.

Já é do dominio publico a questão dos Postos de prophylaxia e tratamento gratuito da syphilis, fundados pelo Centro Academico “Oswaldo Cruz”, da nossa Faculdade de Medicina. Relembrada, porém, a sua historia nestas linhas, podereis, Exmo. Sr., conhecer melhor a situação em que se encontram estes dispensarios e julgar assim da justiça que fortalece a causa, que agora confiadamente vos entregamos.

A questão não é nova. Ha tres annos que por iniciativa conjunta da nossa associação e do extincto Gremio dos Internos dos Hospitales, foi installado nesta Capital um posto para o tratamento gratuito dos syphiliticos pobres. Este posto verdadeiramente prophylactico — porque em especial visava a cura de individuos portadores de lesões contagionantes — deu magnifico resultado a ponto de, sob o patrocinio do Serviço Sanitario, logo depois se inaugurarem mais quatro, todos lançados no mesmo molde primitivo, isto é, subordinados á direcção administrativa do inspector-medico Dr. Salles Gomes Junior, confiados á chefia clinica do Prof. Agujar Pupo e entregues a estudantes de medicina, que aos doentes ministravam o tratamento prescripto pelo medico.

O apoio inestimavel que a estes dispensarios deu a passada administração publica, não lhes quiz tambem negar o actual Governo. Tudo fazia, pois, prevêr que a caridosa instituição fosse augmentada.

que novos postos se disseminassem pela cidade e assim mais amplas se fizessem as installações já acanhadas para attender a um tão grande numero de necessitados.

Possuiria dest'arte a nossa Capital um serviço prophylactico perfeito na medida do possivel, firmando-se os alicerces de uma obra patriotica das mais alevantadas.

As previsões comtudo falharam. De facto, passados quatro mezes, quando, em numero sempre crescente, a matricula nos postos attingia a 1506 doentes, o Serviço Sanitario ordenou o fechamento destes postos, por entre geral surpresa.

Não desanimaram, porém, os academicos, que em tal campanha, tinham sido os pioneiros. Estudando a terrivel molestia, trabalhando dedicadamente nos dispensarios como internos, conhecendo de perto os beneficios tão prodigamente espalhados pelos seus esforços, calcularam num relance a situação miseravel de tantos indigentes minados da molestia e, de um momento para outro, entregues sem piedade ás garras do mal. E reconstruindo, edificando novamente sobre o terreno aspero do primeiro embate, conseguiram mais uma vez installar aquelles postos, entregando-se de novo á tarefa só louvavel de regenerar o physico de tantos desgraçados sem recursos para um severo tratamento.

Os meios de que dispunham, é claro, não permittiram reabrir todos os antigos postos. Dois delles porém, funccionando na Santa Casa de Misericordia e no Instituto Clemente Ferreira, que promptamente cederam local, estão abertos desde Agosto, e dahi para cá o trabalho augmentou com magnifico proveito.

Ha oito mezes, pois, que custeados pelos sacrificios da nossa aggremação academica, os postos estão funccionando, não tendo ainda faltado á tão bemfazeja instituição, além de alguns auxilios pecuniarios, os applausos de quantos sabem calcular o seu valor. Dirigidos pelo Prof. Aguiar Pupo, que dedicadamente continuou assumindo a chefia clinica, zelados pelos esforços dos Drs. Ernesto Moreira, Altino Antunes, e Potyguar Medeiros, elles bem significam quanto pode uma luta de ideaes.

O seu movimento é relativamente extraordinario: a matricula, no primeiro mez, de 162 doentes, é hoje de 796, dos quaes 508 homens e 288 mulheres.

Destes doentes mais de 30 % eram portadores de lesões contagio-nantes.

Se considerarmos agora a despeza mensal dos postos, de cerca de 300\$ gastos com pessoal e medicamentos, chegamos á conclusão de que cada doente fica por mez em pouco mais de 1\$000, ou sejam menos de 13\$ por anno.

Para que prova melhor do beneficio? Em que paiz do mundo a saude de um individuo vale menos de 13\$000?

E que representam estes 13\$000 annuaes para um doente acolhido em um dos nossos dispensarios?

E' facil sabel-o, em considerando que este doente tem reacção de Wassermann e outros exames de laboratorio, encontra quem lhe dê injecções e não paga medicamentos, entre os quaes o 914. Quanto teria elle de pagar por este mesmo tratamento fóra do dispensario? Onde encontrar os recursos?

Não é preciso mais para dar justo valor ao empreendimento.

Pois bem, Exmo. Dr. Luciano Gualberto:

Ao Centro Academico "Oswaldo Cruz" estão fallecendo recursos para continuar triumphante a sua obra. Não é outro o motivo por

que vos dirigimos estas linhas, rogando-vos sejaes o portador perante a Camara de um auxilio aos nossos postos.

Conheceis de perto a nossa sociedade academica, tendes visto o nosso trabalho e podeis julgar o proveito que delle resulta. Sabeis ainda que uma só recriminação poderá soffrer a nossa campanha: é que ella não tem ainda a extensão que devera ter; ella — que se opera em uma cidade como a nossa, onde todas as causas justas têm o apoio dos bons; ella — campanha de regeneração physica que deve preceder á de regeneração moral; campanha que vive essencialmente da caridade e só beneficia pobres, que espalha tão grande beneficio em um meio onde a generosidade é quasi um apanagio.

Não podemos responder á fundada censura. De nossa parte temos trabalhado e não cessamos de implorar pelos doentes.

A Camara Municipal de São Paulo que ouça agora o nosso appello e nos não negue o seu auxilio. Não pedimos para nós, pedimos para os desgraçados.

Pela Directoria do C. A. "Oswaldo Cruz" — FELICIO CINTRA DO PRADO, vice-presidente em exercicio.

S. Paulo, 17 de Abril, 1921"

O dr. Luciano Gualberto, attendendo ao appello dos estudantes, requereu fosse votado um projecto de auxilio de cinco contos de réis aos postos de prophylaxia e tratamento gratuito da syphilis, que, acompanhado de brilhante justificação, em fins do anno passado apresentára.

Na vespera da sessão em que devia ser votado o referido projecto, os jornaes da capital publicaram, na secção de expediente da Camara, a seguinte noticia:

"A Camara Municipal vae conceder o auxilio de cinco contos de réis ao Centro Academico "Oswaldo Cruz" para manutenção dos postos de prophylaxia da syphilis, fundados por aquella sociedade"

De facto, no dia seguinte, entrou em 1.^a discussão o projecto do auxilio, assignado pelos drs. Luciano Gualberto, Mario Graccho e Luiz Anhaia Mello, tendo sido approvedo unanimemente.

No mesmo intuito de garantir o lado financeiro da campanha, o Centro pretende pedir ao Governo, para os postos, uma parte ($\frac{1}{4}$) das taxas de matricula na Faculdade de Medicina de S. Paulo, a exemplo do que ganham as "Republicas Escolares" das Escolas Normaes do Estado.

Além disso, a Directoria da sociedade teve occasião de se entender com o Prof. Dr. Benedicto Montenegro, Presidente da Associação Paulista de Esportes Athleticos, afim de que, em tempo opportuno, se realise nesta capital um grande jogo de futebol entre dois dos nossos melhores clubes, revertendo o producto em beneficio dos dispensarios prophylacticos.

Ha outras idéas no mesmo sentido, que em tempo serão executadas, a directoria do Centro Academico "Oswaldo Cruz" nada tendo poupado até agora para que á sua applaudida iniciativa não falte o amparo a que ella faz jús, pelos magnificos resultados.

Publicamos em seguida o relatorio enviado pelo Presidente do Centro aos associados da Liga de Combate á Syphilis:

“LIGA DE COMBATE A’ SYPHILIS”

(Annexa ao Centro Academico “Oswaldo Cruz”).

Exmo Sr. — Remettendo-vos, junto, o relatorio do movimento dos POSTOS DE TRATAMENTO GRATUITO DA SYPHILIS, podemos dar-vos oportunidade para verificar quão proficuos foram os esforços dos estudante da Faculdade de Medicina de São Paulo, auxiliados pela dedicação dos Drs. Professor Aguiar Pupo, Ernesto Moreira e Altino Antunes.

Temos actualmente dois postos em funcionamento: um, nocturno, no Dispensario “Clemente Ferreira” e outro, diurno, na Santa Casa, e pretendemos, quando nossas condições financeiras melhorarem (pois a “LIGA” conta apenas com 84 socios) inaugurar um terceiro em bairro populoso da Capital.

O balancete, com as despesas pormenorizadas da “LIGA”, entregue pelo Dr. Potyguar Medeiros, Presidente no anno social de 1920 e que nesta campanha empregou o melhor de seus esforços, será publicado na Revista de Medicina, que vos será opportunamente enviada.

Agradecendo, particularmente, o vosso generoso apôio a tão util iniciativa, aproveitamos o ensejo para apresentar-vos os nossos protestos da mais alta consideração e estima.

São Paulo, 19 de Junho de 1921. — WALDEMAR BARNSELEY PESSOA — Presidente do Centro Academico “Oswaldo Cruz”

RELATORIO

1.º e 2.º Postos de tratamento gratuito da syphilis

(Santa Casa e Dispensario Clemente Ferreira)

Movimento desde a fundação a 28 de Agosto até 31 de Maio de 1921:

Foram attendidos 1.700 doentes, sendo: 1.059 homens e 650 mulheres.

Dos novos, 183 eram portadores de lesões contagionantes, isto é, 28, 29 %.

Foram applicadas 7.924 injeccões, sendo: 1.031 de Neosalvarsan (914), 4 de Calomelanos, 1.330 de Oleo Cinzento, 826 de Cyaneto de mercurio, 62 de Luesan 2.480 de Biiodeto de mercurio, 1.061 de Benzoato de mercurio e 1.130 de Iodeto de sodio.

Foram feitas 196 Reacções de Wassermann, com os seguintes resultados: Negativas 89, levemente positivas 23, positivas 44 e fortemente positivas 40.

Estão matriculados nestes Postos 952 doentes, sendo: 609 homens e 343 mulheres; 497 brasileiros e 455 estrangeiros.

O interno — ALCIDES M. S. AYROZA. .

POSSE DA NOVA DIRECTORIA

Aos 23 de Março do corrente anno foi empossada a nova Directoria do Centro, eleita em Outubro de 1921. A sessão foi presidida pelo dr. Tacito Silveira, secretario da antiga directoria, que deu posse aos novos titulares, saudando-os em breves palavras.

Em resposta falou o sr. Felicio Cintra do Prado, que agradecendo os votos expressos pelo dr. Silveira, manifestou a boa vontade de que os novos directores se achavam possuídos para trabalhar pela prosperidade do Centro. Analysou rapidamente a acção da passada directoria, tecendo encomios á administração do presidente Potyguar Medeiros, encerrando o seu discurso por affirmar que os seus companheiros de directoria nada haviam de poupar para que sempre fosse crescente o progresso da aggreiação academica.

Falou ainda o sr. Nestor Figueiredo agradecendo a presença dos numerosos associados, que tinham ido tão generosamente levar o seu applauso aos novos directores.

Foi em seguida suspensa a sessão, recebendo os recém-empossados as felicitações de todos os presentes.

A Directoria que tomou posse é a seguinte:

Felicio Cintra do Prado — Vice-presidente, Raphael da Nova — 1.º Secretario, Paulo Azevedo Marques Sães — 2.º Secretario, Carlos Alberto Pereira Leitão Filho — 1.º Thesoureiro, Domingos Vicente Larocca — 2.º Thesoureiro, Bento Lacerda de Oliveira — 1.º Orador, Nestor Figueiredo — 2.º Orador, Alvaro Santos Fortes — Bibliothecario.

*
* *

Achando-se vago o cargo de presidente, foi deliberado em Assembléa proceder-se á nova eleição para preenchimento do lugar. Esta se effectuou aos 14 de Maio do corrente anno, com o comparecimento de 194 socios, verificando-se o seguinte resultado:

Waldemar Barnsley Pessoa — 141 votos.
Levy Azevedo Sodré — 50 votos.
Votos em branco — 3.

*
* *

“Realisou-se ante-hontem, na séde do Centro Academico “Oswaldo Cruz” a posse do novo presidente, doutorando Waldemar Barnsley Pessoa.

Presentes os actuaes directores e numerosos socios, foi aberta a sessão pelo vice-presidente em exercicio, sr. Felicio Cintra do Prado, que, depois de breves palavras nomeou uma commissão para introduzir no recinto o novo presidente. Acolhido por calorosas palmas, o sr. Waldemar Pessoa prestou compromisso, sendo depois saudado pelo 2.º orador do Centro, sr. Nestor Figueiredo, que lembrou as sympathias com que era recebido na sociedade o novo presidente, sendo muito applaudido ao terminar.

Falou depois o sr. Cintra do Prado, que, historiando a vida da sociedade durante o tempo em que estivera sob a sua presidencia, de-

clarou as esperanças de proveitoso trabalho dadas pelos qualidades do sr. Pessoa, a quem, em nome dos companheiros, prometteu apoio e solidariedade.

Logo em seguida pediu a palavra o doutorando Mario de Souza Mursa, que propoz fosse lançado em acta um voto de louvor ao vice-presidente pelos seus trabalhos ao Centro. Submettida a votos esta proposta, foi ella unanimemente approvada.

Falou por fim o novo presidente, manifestando o seu profundo agradecimento pelas provas de confiança que acabava de receber dos amigos. Assumia a presidencia contando poder corresponder áquella confiança e nada havia de poupar para o progresso da sociedade. Leu então o summario do seu programma, sendo ao terminar muito applaudido.

Em seguida foi encerrada a sessão, sendo o novo presidente muito felicitado por todos os presentes”.

Dos jornaes de 27—5—1921.

NOVOS INTERNOS

Foram nomeados este anno como internos de serviço, os seguintes academicos de medicina:

Enf. I. Clinica Cirurgica — Vicente Lofiego e Francisco Elias de Camargo.

Enf. II. Clinica Cirurgica — Waldemar Barnsley Pessoa e Mario da Costa Galvão.

Enf. Clinica Medica (1.ª cadeira) — Napoleão La Terza e Eduardo da Costa Manso.

Enf. Clinica Medica (2.ª cadeira) — Mario de Souza Mursa e Francisco Genovez.

Clinica Dermatologica — Salvador Rocco e Anor Aguiar.

Clinica Oto-rhino-laryngologica — José Castro Simões e José Guilherme Whitaker.

Clinica Pediatrica — Samuel Pessoa e José Vicente Fernão.

Clinica Ophatalmologica — José Rollemberg Sampaio e Valentim del Nero.

Clinica Psychiatrica — Cid Cordeiro Prestes e Messias Teixeira Camargo Filho.

Clinica Obstetrica — Joaquim Onofre de Araujo e Juvenal Ricardo Meyer.

Clinica Gynecologica — José Stillitano Junior.

Hospital de Isolamento — Emydio Novaes e L. Pereira Barretto Neto.

Hospital da Força Publica — Mario Marcondes dos Reis e José de Souza Braga.

Hospital da 2.ª Região Militar — Alipio Corrêa Netto e Ubaldino Antunes.

Hospital da Maternidade — Benjamim Alves Ribeiro.

Serviço de Protecção á Infancia e Amas de Leite — Luiz da Costa Abreu Sodré.

São academicos auxiliares da **Assistencia Medica Policial** — Alvaro Dordal, Medardo da Costa Neves, Luiz Victor Amendola, Eugenio Frota de Sousa, Armindo Guaraná, Felicio Cintra do Prado, Joaquim Gomes dos Reis, Carlos A. Pereira Leitão Filho e Nestor de Barros Oliveira.

8.º ANNIVERSARIO DA FACULDADE

O Centro Academico "Oswaldo Cruz" realisou aos 18 do mez de Abril p. p. a festa do 8.º anniversario da nossa Faculdade.

A solemnidade, que por motivo de força maior fôra transferida do dia 8 do mesmo mez, effectuou-se no salão do Instituto de Hygiene, ás 20 horas.

Presentes numerosos convidados, entre os quaes os representantes das altas auctoridades do Estado, a sessão foi aberta pelo vice-presidente em exercicio do Centro, snr. Felicio Cintra do Prado, que explicando o motivo da reunião, convidou para presidil-a ao Prof. Edmundo Xavier, Director da Faculdade.

Agradecendo a honra que se lhe tributava, o Prof. Edmundo assumiu a presidencia, salientando a importancia daquella commemoração e tecendo um longo commentario sobre a vida da Faculdade.

Foi depois dada a palavra ao Prof. Oscar Freire, que leu a sua magnifica lição inaugural do Curso de Deontologia Medica, o primeiro que se faz no Brazil e cuja realização entre nós é iniciativa do Centro Academico "Oswaldo Cruz".

O trabalho do estimado Professor, que foi entusiasticamente applaudido pela selecta assistencia que enchia litteralmente o salão, sahe hoje publicado na "Revista de Medicina"

NOVO PROFESSOR

Após disputado concurso, que durante muitos dias trouxe presa a attenção dos meios scientificos do Paiz, dado o valor dos concorrentes, foi nomeado Professor cathedratico de Clinica Gynecologica da nossa Faculdade, o snr. dr. Nicolau de Moraes Barros.

O novo lente, que, na regencia daquella Cadeira, substitue o pranteado e inesquecivel dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, tomou posse do cargo em Abril p. p. perante a Congregação e crescido numero de amigos e admiradores. S. S. foi saudado em nome dos companheiros pelo Prof. Rubião Meira, que pronunciou eloquente discurso.

A's muitas felicitações que, pelo brilho de suas provas, recebeu o Prof. Moraes Barros. juntamos effusivamente as da "Revista"

*P*edimos aos Snrs. Assignantes do Interior de S. Paulo e de outros Estados, fazer-nos a fineza de enviar pelo Correio a importancia de sua assignatura.

*P*edimos mais, avisar-nos caso haja qualquer falta no recebimento da "Revista".



ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que fazem parte da Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP. Trata-se de uma referência a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP são de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (dtsibi@usp.br).